



ACADEMIA MILITAR

Mestrado Integrado em Ciências Militares, na Especialidade de Cavalaria

Formação do Atirador Explorador no Século XXI: Adaptação à Complexidade do Campo de Batalha

Autor: Aspirante de Cavalaria Inês Rafaela Fernandes Pereira

Orientador: Coronel de Cavalaria José Miguel Moreira Freire

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, maio 2020



ACADEMIA MILITAR

Mestrado Integrado em Ciências Militares, na Especialidade de Cavalaria

Formação do Atirador Explorador no Século XXI: Adaptação à Complexidade do Campo de Batalha

Autor: Aspirante de Cavalaria Inês Rafaela Fernandes Pereira

Orientador: Coronel de Cavalaria José Miguel Moreira Freire

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, maio 2020

EPÍGRAFE

“O Exército pode passar cem anos sem ser usado, mas não pode passar um
minuto sem estar preparado“

Rui Barbosa

DEDICATÓRIA

Ao meu tio Ricardo Manuel Pereira, Cabo da Guarda Nacional Republicana que partiu cedo de mais, mas sempre esteve presente na minha mente e coração, em todas as dificuldades, a quem prometi a conquista desta longa jornada.

AGRADECIMENTOS

O Trabalho de Investigação Aplicada, marca o final do meu percurso enquanto aluna da Academia Militar e representa a passagem para o ingresso nos Quadro Permanente do Exército, marcando assim uma relevante etapa na minha formação profissional e pessoal.

Gostava de agradecer a quem me acompanhou ao longo desta jornada, sem nunca me deixarem desistir, e mais concretamente a quem contribuiu para a realização deste trabalho, sem o seu apoio não seria possível finalizar esta etapa.

Ao meu orientador, Coronel Freire por ser elemento de referência, enquanto oficial e pessoa. Por se encontrar disponível para me apoiar na elaboração deste trabalho, estando sempre pronto para me transmitir o seu conhecimento, com transparência e dedicação. Pela motivação, que me ajudou a abordar este tema com prazer.

Ao Coronel Baltazar e ao Tenente Coronel Patrício que desde a fase embrionária deste projeto enquanto diretores de curso demonstraram a total disponibilidade e apoio para a realização do mesmo e pelo acompanhamento e preocupação constante.

Ao Tenente Coronel Rosa, pela ajuda no âmbito da formação, que me transmitiu a sua paixão, empenho e dedicação no desempenho das suas funções.

Ao Major Coutinho pelo essencial contributo na fase inicial deste trabalho.

Ao Tenente Valério pelas horas passadas a discutir pequenos pormenores que fizeram toda a diferença, pela disponibilidade e dedicação com que se entregou ao projeto que sendo meu, é também um pouco dele, pois a sua ajuda foi imprescindível na concretização do mesmo.

Ao Capitão Fernandes, Capitão Isidoro, Capitão Silva, Tenente Oliveira, Tenente Salgado pelo seu contributo, que com respostas completas e sinceras às entrevistas que lhes foram endereçadas se mostraram disponíveis para esclarecer qualquer dúvida.

Ao Tenente Bernis, Oficial de Cavalaria do Exército Espanhol, que foi um importante auxílio no desenvolvimento deste projeto.

A todos os Oficiais que me apoiaram neste projeto, dando o seu precioso contributo com conhecimentos e ensinamentos em pequenas conversas preocupadas e importantes para o meu crescimento enquanto militar e enquanto pessoa.

À turma de Exército Armas e demais camaradas do Curso General Tomás António Garcia Rosado que ao longo da minha formação sempre tiveram presentes para os

momentos mais agradáveis, mas também para os mais amargos na vida da Academia Militar.

Aos sete companheiros que caminharam lado a lado comigo neste processo, com os quais ultrapassei todas as adversidades, e tantos momentos de lazer e por isso os guardo eternamente no meu coração. Aqueles com quem sempre poderei contar!

Aos meus pais, que tantas vezes se viram privados da minha companhia e ajuda, pelos sacrifícios que fizeram, para eu poder chegar ao final desta etapa e porque a eles devo a mulher que hoje sou, e à minha irmã, que compensou a minha ausência com amor, carinho e apoio, e da qual me orgulho muito.

Ao meu avô Artur, de quem o orgulho, carinho e amor nunca me faltou. Por ser um dos meus pilares, pela falta que lhe fiz, quando procurava o meu abraço e não o tinha, pelas lágrimas que lhe rolam pela cara, ora de tristeza por não me ter, ora de felicidade pelo meu percurso.

Ao meu namorado, que independentemente da sua condição, nunca me deixou desistir e que demonstrou a dedicação e amor que sempre me motivou a fazer mais, fazer melhor e fazer bem.

À família e amigos que nunca me desampararam, estando sempre prontos para me encorajar ao longo desta caminhada.

À Ana Boto e à Manuela Boto.

Sem todos vós, este projeto não seria possível,

Um bem hajam.

RESUMO

O presente Trabalho de Investigação Aplicada é um estudo no âmbito da formação do Atirador Explorador, militar da categoria de praças, que integra as Unidades de Reconhecimento.

Atualmente, não há um referencial aceite pelo Exército onde a formação de Atirador Explorador se encontre conceptualizada. É importante a criação deste Referencial de Curso, aprovado e adaptado à complexidade atual dos teatros de operações e cuja relevância não só é elevada para o Exército Português como também, e essencialmente, para a Arma de Cavalaria.

O objetivo do presente trabalho é compreender como se processa a formação do Atirador Explorador no Exército Português, bem como compreender de que forma é concretizada pelos Exércitos dos Estados Unidos da América e da Espanha. A análise dos requisitos do Atirador Explorador segundo a proficiência técnica, o desembarço tático e a capacidade física permitem compreender a adaptação do militar às necessidades do campo de batalha atual e ainda comparar os três países em estudo.

Para a concretização da presente investigação foram utilizadas diferentes ferramentas, tais como a pesquisa bibliográfica, a análise dos diferentes planos de estudos do Atirador Explorador de cada país e a análise qualitativa das respostas obtidas através de uma entrevista realizada a Oficiais de Cavalaria do Exército Português.

Com o desenvolvimento do projeto foi possível compreender que o Exército Português atribui uma elevada importância à capacidade técnica do Atirador Explorador, bem como o Americano, contudo o Exército Espanhol atribui mais importância ao desembarço tático. Foi também neste sentido que se entendeu a necessidade de alteração da formação do Atirador Explorador com um Referencial de Curso atualizado que combinasse um intervalo de tempo maior de formação com uma atualização das competências do Atirador Explorador.

O desenvolvimento do presente trabalho possibilitou o surgimento de uma proposta para o Referencial de Curso que se constituiu como um primeiro passo, para todo o processo da criação do mesmo, adaptado ao contexto atual.

Palavras-Chave: Proficiência Técnica; Desembarço Tático; Condição Física.

ABSTRACT

This research paper is a study within the scope of the instruction of the Cavalry Scout, a enlisted soldier category, who integrates the Reconnaissance Units.

Currently, there is no Plan of Instruction accepted by the Portuguese Army that conceptualizes the formation of the Cavalry Scout. It is important to create a Program of Instruction, approved and adapted to the current complexity of the theatre of operations and such necessity is not only relevantly high for the Portuguese Army but also and essentially for Portuguese Army Cavalry Branch.

The purpose of the present paper is to understand how the instruction of the Cavalry Scout in the Portuguese Army is processed and to understand how it is accomplished by the Armies of the United States and Spain. The analysis of the requirements of the Cavalry Scout according to technical proficiency, tactical clearance and physical capacity allowed the understanding of military adaptation to the needs of the current battlefield and the comparison of the three countries under study.

In order to carry out the present investigation, different tools were used, such as a bibliographic research, an analysis of the different programs of instruction of the Cavalry Scout and a qualitative analysis of the answers obtained by interview with Portuguese Army Cavalry Officers.

With the development of the project it was possible to understand that the Portuguese Army centres a high importance in the technical capacity of the Cavalry Scout, as well as the American, however, Spanish Army adds a bigger importance to tactical clearance. It was also in this sense that the need to change the training of the Cavalry Scout with an updated Program of Instruction that combines a longer training interval with an update of the skills of the Cavalry Scout gain form.

The development of this work allows the emergence of a proposal for the Program of Instruction which constitutes a first step, for the entire process of creating it, adapted to the current context.

Keywords: Technical proficiency, Tactical Clearance, Physical Capacity.

ÍNDICE GERAL

ÍNDICE DE FIGURAS	x
ÍNDICE DE TABELAS	xi
ÍNDICE DE QUADROS	xiii
LISTA DE APÊNDICES	xiv
LISTA DE ABREVIATURAS ACRÓNIMOS E SIGLAS.....	xv
 INTRODUÇÃO	 1
 CAPÍTULO 1 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	 3
1.1 – Formação no Exército Português	3
1.1.2 – Adesão à NATO	4
1.1.3 – Evolução da formação de praças	5
1.1.4 – Referencial de Curso	7
1.1.5 – Especialidade de Praças.....	8
1.2 – Potencial de Combate ao Nível do Elemento Humano	9
1.3 – Síntese Conclusiva	11
 CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA	 12
2.1 – Enquadramento	12
2.2 – Métodos de Recolha de dados	14
2.3 – Técnica de Tratamento e análise de dados	15
2.3.1 – Condição Física	16
2.3.2 – Proficiência Técnica	16
2.3.3 – Desembarço Tático	16
 CAPÍTULO 3 – ATIRADOR EXPLORADOR	 18
3.1 – Portugal.....	22
3.2 – EUA	27
3.3 - Espanha	29
3.4 – Síntese Conclusiva.....	30

CAPÍTULO 4 – FORMAÇÃO DO ATIRADOR EXPLORADOR.....	32
4.1 – Portugal.....	32
4.1.1 – Tendências em Portugal.....	35
4.2 – EUA	38
4.3 – Espanha.....	40
4.4 – Síntese Conclusiva.....	42
CONCLUSÕES	43
Limitações à investigação.....	48
Investigações futuras	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49
APÊNDICES.....	I
APÊNDICE A – CONSTITUIÇÃO ORGÂNICA DO PELOTÃO DE RECONHECIMENTO DO ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA MECANIZADA	II
APÊNDICE B – CONSTITUIÇÃO ORGÂNICA DO PELOTÃO DE RECONHECIMENTO DO ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DO GRUPO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA DE INTREVENÇÃO	III
APÊNDICE C – CONSTITUIÇÃO ORGÂNICA DO PELOTÃO DE RECONHECIMENTO DO ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA DE REAÇÃO RÁPIDA.....	IV
APÊNDICE D – PLANO DE ESTUDOS DO ATIRADOR EXPLORADOR DO ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA MECANIZADA	V
APÊNDICE E – PLANO DE ESTUDOS DO ATIRADOR EXPLORADOR DO ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DO GRUPO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO	VI
APÊNDICE F – PLANO DE ESTUDOS DO ATIRADOR EXPLORADOR DO ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA DE REAÇÃO RÁPIDA	VII
APÊNDICE G – ESTRUTURA MODULAR DA FORMAÇÃO DO ATIRADOR EXPLORADOR NO EXÉRCITO AMERICANO	IX

FORMAÇÃO DO ATIRADOR EXPLORADOR

APÊNDICE H – PRINCIPAIS CONCEITOS ABORDADOS NA FORMAÇÃO DO ATIRADOR EXPLORADOR NO EXÉRCITO AMERICANO	X
APÊNDICE I – PRINCIPAIS CONCEITOS ABORDADOS NA FORMAÇÃO DO ATIRADOR EXPLORADOR NO EXÉRCITO ESPANHOL	XIII
APÊNDICE J – GUIÃO DE ENTREVISTA	XIV
APÊNDICE K – ANÁLISE DE ENTREVISTAS	XVI
APÊNDICE L – PROTOCOLO DE CONSENTIMENTO INFORMADO	XXI

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura n.º 1 – Entidades com responsabilidade no âmbito da formação.....	3
Figura n.º 2 – Sistematização do Curso de Formação Geral Comum de Praças.....	9
Figura n.º 3 – Pelotões de Reconhecimento do Esquadrão de Reconhecimento da Brigada Mecanizada	24
Figura n.º 4 – Pelotões de Reconhecimento do Esquadrão de Reconhecimento da Brigada de Intervenção	25
Figura n.º 5 – Pelotões de Reconhecimento do Esquadrão de Reconhecimento da Brigada de Reação Rápida.....	27

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela n.º 1 – Relação das Componentes do Potencial de Combate com as Requisitos/Qualidades militares	10
Tabela n.º 2 – Caracterização dos entrevistados	15
Tabela n.º 3 – Associação dos módulos de formação do Atirador Explorador (ERec/BrigMec) com os requisitos militares	33
Tabela n.º 4 – Associação dos módulos de formação do Atirador Explorador (ERec/BrigInt) com os requisitos militares	34
Tabela n.º 5 – Associação dos módulos de formação do Atirador Explorador (ERec/BRR) com os requisitos militares	35
Tabela n.º 6 – Tendências de formação do Atirador Explorador no Exército Português segundo os requisitos militares	37
Tabela n.º 7 – Formação do Atirador Explorador no Exército dos EUA perante os requisitos militares	38
Tabela n.º 8 – Formação do Atirador Explorador no Exército da Espanha perante os requisitos militares	41
Tabela n.º 9 – Constituição Orgânica do Pelotão de Reconhecimento do Esquadrão de Reconhecimento da Brigada Mecanizada.....	II
Tabela n.º 10 – Constituição Orgânica do Pelotão de Reconhecimento do Esquadrão de Reconhecimento da Brigada de Intervenção	III
Tabela n.º 11 – Constituição Orgânica do Pelotão de Reconhecimento da Brigada de Reação Rápida.....	IV
Tabela n.º 12 – Plano de Estudos Atirador Explorador do Esquadrão de Reconhecimento da Brigada Mecanizada	V
Tabela n.º 13 – Plano de Estudos do Atirador Explorador do Esquadrão de Reconhecimento do Grupo de Reconhecimento da Brigada de Intervenção	VI
Tabela n.º 14 – Plano de Estudos do Atirador Explorador do Esquadrão de Reconhecimento da Brigada de Reação Rápida.....	VII
Tabela n.º 15 – Estrutura do Plano de Estudos do Atirador Explorador dos EUA	IX
Tabela n.º 16 – Principais conceitos abordados em cada Módulo na Formação de Especialidade do Atirador Explorador no Exército Americano e correspondência aos requisitos	X

FORMAÇÃO DO ATIRADOR EXPLORADOR

Tabela n.º 17 – Principais Conceitos abordados em cada Módulo na

Formação de Especialidade do Atirador Explorador no Exército

Espanhol e correspondência aos requisitos XIII

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro n.º 1 – Documentos essenciais de um Referencial de Curso	7
Quadro n.º 2 – Principais conceitos abordados na Técnica de Especialidade.....	39
Quadro n.º 3 – Competências do Atirador Explorador como elemento de um Pelotão de Reconhecimento do Exército dos EUA	41
Quadro n.º 4 – Competências do Atirador Explorador relativas à compreensão de informação dos EUA	40
Quadro n.º 5 – Competências do Atirador Explorador como elemento de um Pelotão de Reconhecimento do Exército da Espanha	41

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A – Constituição Orgânica do Pelotão de Reconhecimento do Esquadrão de Reconhecimento da Brigada Mecanizada

Apêndice B – Constituição Orgânica do Pelotão de Reconhecimento do Esquadrão de Reconhecimento do Grupo de Reconhecimento da Brigada de Intervenção

Apêndice C – Constituição Orgânica do Pelotão de Reconhecimento do Esquadrão de Reconhecimento da Brigada de Reação Rápida

Apêndice D – Plano de Estudos do Atirador Explorador do Esquadrão de Reconhecimento da Brigada Mecanizada

Apêndice E – Plano de Estudos do Atirador Explorador do Grupo de Reconhecimento do Esquadrão de Reconhecimento da Brigada de Intervenção

Apêndice F – Plano de Estudos do Atirador Explorador do Esquadrão de Reconhecimento da Brigada de Reação Rápida

Apêndice G – Estrutura modular da formação do Atirador Explorador no Exército Americano

Apêndice H – Principais conceitos abordados na formação do Atirador Explorador no Exército Americano

Apêndice I – Principais conceitos abordados na formação do Atirador Explorador no Exército Espanhol

Apêndice J – Guião de Entrevista

Apêndice K – Análise de Entrevistas

Apêndice L – Protocolo de Consentimento Informado

LISTA DE ABREVIATURAS ACRÓNIMOS E SIGLAS

10CN/FND/OIR	10.º Contingente Nacional da Força Nacional Destacada, Operação <i>Inherent Resolve</i>
ABCT	<i>Armored Brigade Combat Team</i>
ACar	Anti – Carro
Agr	Agrupamento
AspCav	Aspirante de Cavalaria
BrigInt	Brigada de Intervenção
BrigMec	Brigada Mecanizada
BRR	Brigada de Reação Rápida
C2	Comando e Controlo
Cav	Cavalaria
CB	Campo de Batalha
CC	Carro de Combate
CFGCP	Curso de Formação Geral Comum de Praças do Exército
DCMD	À Disposição do Comando
DF	Direção de Formação
EA	Escola das Armas
EFM	Educação Física Militar
EME	Estado Maior do Exército
EPC	Escola Prática de Cavalaria
ERec	Esquadrão de Reconhecimento
ES	Escola dos Serviços
ESE	Escola de Sargentos do Exército
EUA	Estados Unidos da América
FA	Forças Armadas
FCg	Formação no Cargo
FCT	Formação em Contexto de Trabalho
FEI	Formação Específica Inicial
FTX	<i>Field Training Exercise</i>
GAM	Ginástica de Aplicação Militar
GPS –	<i>Global Positioning System</i>

FORMAÇÃO DO ATIRADOR EXPLORADOR

LRF	<i>Laser Range Finder</i>
MarCor	Marcha Corrida
MDN	Ministério da Defesa Nacional
ML	Metralhadora Ligeira
MP	Metralhadora Pesada
NATO	<i>North Atlantic Treaty Organization</i>
NBQR	Nuclear Biológico Químico e Radiológico
OAv	Observador Avançado
PD	Pergunta Derivada
PelRec	Pelotão de Reconhecimento
PO/PE	Posto de Observação/Posto de Escuta
PP	Pergunta de Partida
QCav	Quartel da Cavalaria
QE	Quadro Especial
QE/AF/Esp/Cat	Quadro Especial / Área Funcional / Especialidade / Categoria
QO	Quadro Orgânico
RC3	Regimento de Cavalaria n.º 3
RC6	Regimento de Cavalaria n.º 6
ROE	<i>Rules of Engagement</i>
RV/RC	Regime de Voluntariado/Regime de Contrato
RWS	<i>Remote Weapon System</i>
SAC	<i>Sección Acorazada</i>
SBCT	<i>Stryker Brigade Combat Team</i>
SFE	Sistema de Formação do Exército
SLAC	<i>Sección Ligera Acorazada</i>
SLM	Sistema Lança Míssil
SOIS	Secção de Operações, Informações e Segurança
TIC	Técnica Individual de Combate
TO	Teatro de Operações
TTP	Técnicas Táticas Procedimentos
U/E/O	Unidade/Estabelecimento/Orgão
UAS	<i>Unmanned Aerial System</i>
UAV	<i>Unmanned Aerial Vehicle</i>

FORMAÇÃO DO ATIRADOR EXPLORADOR

USArmy	<i>United States Army</i>
UXO	<i>Unexploded Ordnance</i>
VBL	Viatura B lindada L igeira
VBR	Viatura B lindada de R odas
VBTP	Viatura B lindada de Transporte de P essoal
VCB	Vigilância do C ampo de B atalha

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de investigação insere-se no Mestrado Integrado em Ciências Militares na especialidade de Cavalaria e aborda a formação do Atirador Explorador segundo uma perspectiva de integração de um Referencial de Curso para a formação do mesmo. O Atirador Explorador é o militar que integra as Unidades de Reconhecimento que fazem parte das unidades da Arma de Cavalaria, sendo assim justificada a pertinência do trabalho no âmbito do mestrado.

O trabalho intitulado “Formação do Atirador Explorador no século XXI: Adaptação à complexidade do Campo de Batalha”, tem como objetivo, compreender inicialmente, como se desenrola a formação do Atirador Explorador, e além disso, compreender o ambiente operacional em que se envolve. Assim, é possível ter o entendimento da necessidade das competências táticas, técnicas e físicas deste militar. Vai ser estudado o Exército Português, Americano e Espanhol. O Exército Português com pormenor, uma vez que a questão se centra em torno da criação de um Referencial de Curso para o Atirador Explorador, o Exército Americano constitui-se como uma referência na adaptabilidade dos novos desafios dos Teatros de Operações e o Exército Espanhol como vizinhos fronteiriços e com o qual o Exército Português opera regularmente.

O desenvolvimento do presente trabalho é motivado pela necessidade da importância do Atirador Explorador para os Pelotões de Reconhecimento, para o Esquadrão de Reconhecimento, para a unidade escalão Grupo/Batalhão e em última instância para o desempenho da Brigada.

O trabalho encontra-se dividido em quatro Capítulos. O Capítulo 1 surge com a necessidade de esclarecer como se realiza a formação de praças no Exército Português na atualidade. Não seria possível compreender a formação do Atirador Explorador sem antes perceber a formação de praças no Exército Português, e a evolução dessa formação desde a criação de especialidades que surgiu com a adesão à *North Atlantic Treaty Organization* até aos dias de hoje.

O Capítulo 1 surge com o objetivo de identificar as alterações feitas na formação das praças do Exército Português desde a extinção do Serviço Militar Obrigatório até ao atual modelo de Regime de Voluntariado e Regime de Contrato.

Todo o trabalho de investigação é desenvolvido segundo um processo que permite sistematizar e esclarecer o conhecimento, surgindo daí a necessidade da criação do Capítulo 2, em que é explicado o processo metodológico que acompanhou o desenvolvimento do

corrente Trabalho de Investigação Aplicada. O presente projeto utiliza um modelo de análise de dados que pretende organizar as diferentes estruturas modulares da formação do Atirador Explorador em três requisitos militares, a proficiência técnica, o desembaraço tático e a capacidade física. Deste modo é possível comparar a formação do Atirador Explorador no Exército Português, Americano e Espanhol de acordo com os requisitos mencionados.

O entendimento sobre o ambiente operacional do Atirador Explorador é importante para compreender o impacto que a sua competência revela para as unidades de Escalão Superior, surgindo o Capítulo 3, que elucida as capacidades técnicas e táticas dos Pelotões de Reconhecimento em pormenor do Exército Português, Estados Unidos da América e da Espanha. Com o objetivo de identificar quais devem ser as capacidades do Atirador Explorador tendo em conta o Campo de Baralha do século XXI, bem como de compreender a adaptação das capacidades do Atirador Explorador de acordo com a evolução tecnológica atual e o acompanhar do aumento da complexidade dos Teatros de Operações da atualidade.

O esclarecimento da formação de praças no Exército Português e o do seu ambiente operacional é importante para auxiliar o estudo da formação do Atirador Explorador nos diferentes Exércitos, permitindo elaborar uma comparação entre o Exército Português, Americano e Espanhol, surgindo o Capítulo 4 que focaliza o seu estudo na formação do Atirador Explorador, e se compromete em atingir o objetivo de estudar a formação do Atirador Explorador no contexto atual.

O culminar do desenvolvimento do presente Trabalho de Investigação Aplicada, é apresentado no Capítulo das Conclusões. Onde a informação de todo o trabalho é compilada por forma a responder ao objetivo geral do trabalho, que compreende de que modo a formação do Atirador Explorador pode ser adaptada por forma a responder às necessidades dos atuais Teatros de Operações.

CAPÍTULO 1 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1 – Formação no Exército Português

O “Exército é uma entidade pública, com Lei Orgânica na qual lhe é conferida a capacidade de desenvolver atividades formativas, (...) e, por conseguinte, desde logo, é uma entidade certificada” (Estado Maior do Exército [EME], 2014b, pp. 1-5).

O Sistema de Formação do Exército (SFE) possui três níveis de responsabilidade no âmbito da formação no Exército. O Nível 1 corresponde à Direção de Formação. O nível 2 corresponde às Unidades Formadoras, são elas a Escola de Sargentos do Exército (ESE), Escola das Armas (EA) e a Escola dos Serviços (ES). O nível 3 corresponde aos Polos de Formação, que podem ser permanentes ou temporários (EME, 2014b, p. 1-5).



Figura n.º 1 - Entidades com responsabilidade no âmbito da formação

Fonte: (EME, 2014b, p. 1-5)

A qualidade de formação é caracterizada pela construção dos Referenciais de Curso que são considerados “os documentos pedagógicos que estão na base de qualquer ação de formação que se pretenda certificar” (EME, 2014a, p. 1-3) e garantem que o processo formativo é organizado e controlado além de rentabilizar e facilitar o processo de formação. Os Referenciais de Curso são construídos com base na organização de competências que são caracterizadas por um “conjunto de traços de personalidade, conhecimentos, aptidões e atitudes” (Direção de Formação [DF], 2017, p. 9) as quais se veem representadas no desempenho de um cargo (EME, 2014a, p. 16). De entre as competências compreendem-se as competências transversais e as competências específicas, sendo as primeiras relativas a grandes grupos e de “âmbito geral” (DF, 2017, p. 10) e as segundas são “contextos restritos, direcionadas para as atividades e respetivas tarefas dos cargos” (DF, 2017, p. 10).

O cargo é analisado segundo as atividades e as tarefas, em que cada atividade está associada a um determinado profissional e quando agrupadas constroem módulos de formação, estas são decompostas em tarefas que são a “unidade elementar de trabalho, cognitiva ou psicomotora, cuja execução e/ou resultado é mensurável” (DF, 2017, p. 15) em determinado contexto de cada cargo. Sendo, portanto, as atividades e tarefas de cada cargo que constituem as competências específicas de determinada função (EME, 2015^a, p. 4-2).

Cada cargo é caracterizado por estar previsto em estrutura orgânica aprovada e que “corresponde a um conjunto de atividades desempenhadas de forma regular por um titular” (DF, 2017, p. 9) fazendo-se sempre acompanhar da função que “corresponde ao exercício de competências, no âmbito dos cargos previstos” (DF, 2017, p. 13).

Os módulos de formação são construídos e estruturados de acordo com as áreas de formação, pretendendo de forma organizada garantir que todas as competências específicas são lecionadas, durante o processo formativo e de que modo estas põem em prática as competências transversais (EME, 2015^a, p. 4-2). O Referencial de Curso, organiza, planeia e garante um fio condutor lógico durante a formação.

1.1.2 – Adesão à NATO

A formação como a conhecemos hoje no Exército nasceu com a entrada de Portugal na *North Atlantic Treaty Organization* (NATO). Na qualidade de país signatário da organização houve a necessidade de passar por um processo de reestruturação centrado essencialmente na doutrina, num “planeamento focado na criação de especialidades militares” (Teodora, 2019, p. 64). Verificou-se a exigência de criar um conjunto significativo de especialidades, pelo que foram criados, novos cargos, que anteriormente não existiam, para operar os meios decorrente do reequipamento do Exército. Para estas especialidades foi necessário definir conteúdos formativos, obtidos essencialmente nos Estados Unidos da América (EUA) que gradualmente foram implementados na nossa doutrina (Teodora, 2019, p. 57).

Tendo em conta todo o fornecimento de armamento era importante que Portugal cumprisse o compromisso que estabelecera com os EUA de “facultar aos EUA a possibilidade de confirmar a utilização do material na formação militar; manter a posse dos materiais fornecidos; inviabilizar o envio de qualquer material para outro país” (Teodora, 2019, p. 95).

A NATO prevê um nivelamento dos países membros em diferentes aspetos, nomeadamente no que se refere à formação. Refletindo uma grande solidez no seu desenvolvimento no que concerne à instrução dos militares, obrigando Portugal a estar pronto para operar em qualquer ambiente com os restantes países da NATO, como uma única força (North Atlantic Treaty Organisation [NATO], 2014, p.4). O espectro de treino da NATO implica que inicialmente seja feita a correta e orientada formação dos militares, iniciando-se o processo na formação individual dos mesmos. A formação individual diz respeito em primeiro plano à educação que corresponde às instruções fornecidas de forma sistematizada a cada militar estimulando o desenvolvimento das suas capacidades de modo responderem numa situação imprevisível. O segundo plano associa-se ao treino individual que implica o desenvolvimento de aprendizagens específicas de cada militar, que lhe permite agir perante uma situação específica de acordo com a sua especialidade (NATO, 2014, p.5).

1.1.3 – Evolução da formação de praças

Com o despoletar da Guerra Colonial em 1961, a formação como tinha sido definida na adesão à NATO, passou para segundo plano. Havia 4 incorporações por ano para o Exército, as praças assim que chegavam às unidades tinham de forma muito abreviada instrução de formação geral, eram distribuídas pelas especialidades de acordo com a avaliação desta primeira formação, após isso recebiam instrução operacional antes de entrarem numa operação em África (Fonseca, 2019).

Com o final da Guerra Colonial, houve a construção de Referenciais de Curso para concretizar a formação como ela tinha sido estipulada, definida por especialidades, e passando a ser realizada de forma planeada (Rosa, 2014). Nesta fase o Exército Português tinha um regime de conscrição na prestação do serviço militar. A revisão constitucional em 1997 previu que de acordo com o nº2 do artigo 276 da Constituição, o “serviço militar é regulado por lei, que fixa as formas, a natureza voluntária ou obrigatória, a duração e o conteúdo da respetiva prestação” e a Lei n.º 174/99 garante que o serviço militar passa a ser de cariz voluntário. Deste modo, o ingresso no Exército desde esse período até novembro de 2004 processa-se de forma mista, com o ingresso de militares em regime de Regime de Voluntariado/ Regime de Contrato (RV/RC)¹ (Rosa, 2014).

¹ RV/RC é o Regime de Voluntariado e Regime de Contrato das FA, o primeiro diz respeito ao vínculo voluntário com as forças armadas durante 12 meses, após o término deste período os militares podem requerer a sua permanência nas FA no Regime de Contrato que pode variar entre 2 e 6 anos de incorporação nas FA. (MDN, 1999)

Em 2007 foi criado o modelo da carreira de praças, muito baseado na formação *on-the-job training*, ou seja, formação no cargo (FCg), conhecido como Formação no Contexto de Trabalho (FCT). Segundo Silva (2007), corresponde “às aprendizagens planeadas ou não planeadas que ocorrem no posto de trabalho” (Silva A. F., 2007, p. 1). Planeadas se as aprendizagens forem organizadas para os trabalhadores passarem por elas de forma imprescindível para a sua formação e não planeadas se ocorrerem de forma não obrigatória (Silva 2007).

Deste modo é importante colocar os militares no desempenho dos seus cargos de modo a tirar a maior vantagem deste tipo de formação. O presente modelo apresentava-se como um pouco vanguardista para a época, baseando-se na metodologia das competências, na visão cumulativa das especialidades. As praças obtêm uma formação inicial que garante que desenvolvem as competências transversais, fornecendo-lhe a capacidade de se adequarem a diferentes cargos, o mais conveniente para a instituição. Depois disso as competências específicas são adquiridas no desempenho do cargo. A metodologia FCg nunca acolheu, grande aceitação por parte da componente operacional, até porque, a avaliar o que se escreveu sobre ela, que foi muito pouco, nunca se percebeu muito bem, a sua finalidade. Tal facto poderá ser explicado pela falta de pessoal e incapacidade de concretizar o treino desejável. De acordo com Rosa (2014, p.47) a formação em contexto de trabalho, consiste numa alternância entre a teoria e a prática, na qual existe uma procura incessante no incremento da produtividade.

O trabalhador-ator nutre-se de recursos internos e do contexto de trabalho para recompor o seu trabalho de forma renovada. Enfim ele constrói-se como pessoa profissional, num processo de profissionalização. Desse modo, a capacidade de reflexão sobre as práticas cria o saber profissional e a competência dando-lhes forma (Nascimento, Santos, Caldeira, & Teixeira, 2003) cit. por Rosa, (2014. p.47).

O mesmo autor expõe que a metodologia carece de uma matriz de avaliação de desempenho para monitorizar e avaliar o militar, deve ser elaborada com base no perfil profissional (perfil de desempenho) e, quando cumprida, estará pronto para a função. Ela parte do princípio que a formação pode ter uma duração variável de acordo com o desempenho do militar. Esta só termina quando o militar estiver pronto para o desempenho das suas funções de forma proficiente, caso contrário, continua em formação.

Em 2007 quando foi criado o modelo da carreira de praças, havia pouco tempo que o Exército Português estava a realizar a transição para o regime semiprofissional. Quando a

integração no Exército era de carácter obrigatório havia o ingresso de um número significativo de praças. Nos dias de hoje a realidade é distinta, uma vez que há a entrada nas fileiras de um número muito reduzido de praças. Portanto, este tipo de metodologia carece que haja um acompanhamento constante na função, aquilo que hoje se designa por mentoria². Esta mentoria é relevante no sentido de haver um controlo do acompanhamento dos recém ingressados. Para acrescentar à dificuldade da implementação desta metodologia os referenciais de curso, construídos aquando da criação das especialidades, que certificam a formação, não estão elaborados de acordo com esta metodologia sendo, portanto difícil a coordenação entre os referenciais de curso e a FCg da formação de praças (Rosa, 2014).

1.1.4 – Referencial de Curso

O Referencial de Curso é um documento que visa garantir a qualidade da formação. Indicia um percurso formativo a seguir, de acordo com um perfil profissional, anteriormente traçado, e estabelece a estrutura do que se pretende que o militar venha a ser como profissional. É constituído por um conjunto de documentos que permitem facilitar o processo de formação e uniformizar a mesma. Os documentos no seu essencial visam responder às perguntas representadas na Quadro n.º 1. (EME, 2014a):

Quadro n.º 1 – Documentos essenciais de um Referencial de Curso

Doc III Perfil Profissional	O que é que o militar tem de fazer no desempenho do cargo?
Doc IV Perfil de Formação	O que é que o militar tem de “aprender” para ser competente no desempenho do cargo?
Doc V Perfil de Avaliação	O que temos que perguntar, para garantir que o militar aprendeu e está apto a desempenhar o cargo com competência?

Fonte: (EME, 2015a)

² Mentoria em contexto de formação é o processo em que o mentor (pessoa mais experiente) estabelece a relação com o mentorado (menos experiente) de modo a garantir que tem a capacidade de o “orientar para o crescimento pessoal e profissional” (Silva K. d., 2008, p. 51). Neste caso o mentor seria uma pessoa mais experiente no desempenho da função, e o mentorado os militares que chegam às unidades, sendo a formação garantida pelo mentor.

O Referencial de Curso “é o descritivo que aponta, em linhas gerais os processos de análise, desenho curricular, desenvolvimento, implementação e avaliação de uma ação de formação, tendo por base a satisfação das necessidades (...) simultaneamente contribui para a certificação da formação” (DF, 2017, p. 15). É construído um Referencial de Curso para cada cargo, e este está integrado na estrutura orgânica, o qual tem associado determinadas atividades que devem ser desenvolvidas de forma regular (DF, 2017). A especialidade é definida pelo “conjunto de cargos decorrentes de Formação Inicial que apresentam entre si afinidade de formação e emprego” (DF, 2017, p. 11).

No Referencial de Curso o cargo é definido por três documentos, o perfil profissional, o perfil de formação e o perfil de avaliação. (EME, 2015a). O perfil profissional é o elemento que descreve quais devem ser as competências transversais ou específicas para um determinado cargo (DF, 2017). O perfil de formação permite criar módulos correspondentes às necessidades de aprendizagem representadas no perfil profissional, de modo a abranger todas as competências que devem ser desenvolvidas. O perfil de avaliação garante que todas as competências foram adquiridas ao longo do processo formativo (EME, 2015a).

1.1.5 – Especialidade de Praças

O modelo atualmente vigente, referente às especialidades, foi adotado em 2007 e designa-se por Modelo de Serviço Militar da categoria de praças. Teve por objetivo gerir a carreira de praças, assim como “fornecer orientações para as áreas operativas de obtenção, gestão e manutenção de recursos humanos” (EME, 2007, p. 5).

A formação das praças no Exército (Curso de Formação Geral Comum de Praças do Exército CFGCPE), tem a duração de 12 semanas, após as quais os militares juram Bandeira (JB) e iniciam a Instrução Complementar (IC), sendo considerados soldados Prontos, (EME, 2007, p. 9). Esta formação ocorre de acordo com três tipologias, que a seguir se indicam:

- I. Tipo I - pressupõe que após o CFGCPE, os militares possuem uma especialidade, atribuída de acordo com as provas de seleção, a estes militares será atribuída um cargo de acordo com as necessidades da U/E/O da colocação efetuando assim a FCg;
- II. Tipo II - pressupõe que após o CFGCPE os militares frequentem uma formação específica inicial (FEI) ou um curso de especialização, são formações de curta e média duração. Após isso os militares iniciam a FCg, ou seja, a Formação em Contexto de Trabalho;

III. A formação de Tipo III significa que inicialmente é feita uma Formação Específica Inicial (FEI) este curso é de longa duração. Após isso os militares têm Formação no Cargo, sendo-lhes dadas as competências essenciais para o desempenho de determinados cargos específicos. (EME, 2007)

O atual modelo de formação de praças, ou seja, o CFGCPE encontra-se sistematizado na Figura n.º 2:

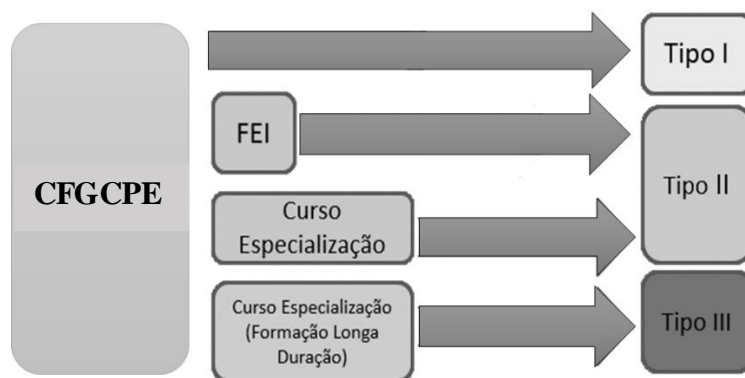


Figura n.º 2 – Sistematização do Curso de Formação Geral Comum de Praças

Fonte: Adaptado de (EME, 2007)

Apesar deste modelo de formação de praças vigorar no Exército Português não houve uma atualização do Referencial de Curso do Atirador Explorador ajustado a este novo tipo de formação.

Por exemplo, a formação de praças de Polícia do Exército é orientada segundo um Referencial de Curso que concorre para garantir que os militares possuem as competências necessárias para o desempenho no cargo. Permitindo assim que as praças da especialidade de Polícia do Exército estejam aptas a atuar em qualquer tipo de Teatro de Operações, dentro do que são as suas missões. Ao longo de um mês os militares recebem instrução apoiada num Referencial de Curso. (EME, 2017)

1.2 – Potencial de Combate ao Nível do Elemento Humano

A FCg que é praticada atualmente pelo Exército Português no que concerne à formação de praças carece de um acompanhamento na Unidade de Colocação destes militares. O importante paralelismo realizado por Freire (2012a) que vai ser apresentado, é relevante, uma vez que, se constitui como uma conceptualização do Potencial de Combate

em requisitos ao nível humano. Esta abordagem é útil para compreender de que modo o Atirador Explorador rentabiliza os seus requisitos para aumentar o Potencial de Combate.

O potencial humano representa o conjunto de capacidades que uma unidade militar tem a capacidade de aplicar num determinado momento. A transformação do potencial de combate em ação dos militares reflete a possibilidade de um Exército para cumprir a missão. O potencial de combate é constituído pela componente conceptual, moral e física. A componente conceptual implica a capacidade de utilizar a doutrina nas operações militares e a capacidade de desenvolvimento de tropas e inovação de equipamento. A componente moral, reside na capacidade que os comandantes têm de levar os militares a combater. A componente física é o elemento que nos permite opor a vontade sobre a do inimigo (EME, 2012).

Freire (2012a), constitui um paralelismo entre as componentes do potencial de combate e o que são as qualidades ou requisitos que os militares devem ter, o que está explanado na seguinte Tabela n.º 1.

Tabela n.º 1 – Relação das Componentes do Potencial de Combate com as Requisitos/Qualidades militares

Componentes do Potencial de Combate	Requisitos/Qualidades
Componente Conceptual	Desembarço Tático
Componente Física	Condição Física Proficiência Técnica
Componente Moral	Comum a todas

Fonte Adaptado de (Freire, 2012a)

Tendo em conta a importância referida por Freire, a proficiência técnica, condição física e desembarço tático são qualidades e requisitos para os militares, sendo que com este paralelismo procurou “dar forma á organização da vida interna da unidade e na definição dos objetivos a atingir.” (Freire, 2012a).

O desembarço tático é definido por Freire (2013), como a utilização da doutrina, mas isso por si só não basta sendo necessário “criatividade e iniciativa” (Freire, 2013, p. 46). A conceptualização do desembarço tático em três vertentes, possibilita compreender o que fazer para o desenvolvimento do mesmo, liderança, planeamento de comando e controlo e tática. A condição física é definida como o ponto de partida para tudo, sem representar que os militares tenham de ser atletas de alto rendimento, mas significando que têm de estar prontos para o serviço. A proficiência técnica, significa ter a capacidade e habilidade, para

de forma ágil, manusear equipamentos e armamento que estão intrínsecos ao desempenho de função de cada militar (Freire, 2012b).

1.3 – Síntese Conclusiva

Com o presente Capítulo pretendeu-se compreender como se processa a formação das praças no Exército Português bem como conceitos essenciais para a compreensão dos Capítulos subsequentes.

A criação de especialidades surge na adesão à NATO que sempre procurou nivelar a formação de todos os países por forma a facilitar o trabalho e coordenação quando empenhados em conjunto (NATO, 2014).

A criação de especialidades fez-se acompanhar da elaboração de referenciais de curso, mas em 2007 o modelo de formação de praças foi atualizado para a FCg, os referenciais de curso não acompanharam a inovação criada para formar a classe de praças, portanto cada unidade elaborou a sua própria formação, com planos de estudo para cumprir as necessidades consideradas essenciais para as praças e o desempenho das suas funções (Rosa, 2014).

Tendo em conta isto, o Referencial de Curso, e a possibilidade de criar um é essencial para adaptar o modelo de formação de praças que é praticado no Exército Português, com uma formação de qualidade

A criação de um Referencial de Curso para o Atirador Explorador implica definir de forma clara o cargo e de acordo com isso fazer o levantamento do perfil profissional. A formação do Atirador Explorador, atualmente, não é realizada de acordo com o Referencial de Curso. As Unidades de Reconhecimento criaram planos de estudos que permitam dar aos militares as competências que consideram essenciais para o desempenho no cargo.

A formação da categoria de praças contribui de modo direto para a maximização do potencial de combate do elemento humano. Estas componentes são importantes conjuntamente com os requisitos essenciais que Freire (2012a) defende. Em primeiro lugar, são importantes, na medida em que, ao longo do trabalho serão úteis para criar categorias de avaliação e comparação em termos de formação nas diferentes Unidades de Reconhecimento. Para além disso, traduzem uma abordagem completa para conceptualizar a formação, permitindo que todas as competências transversais estejam representadas.

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA

2.1 – Enquadramento

O presente Trabalho de Investigação Aplicada pretende ser construído de acordo com a procura de conhecimento, que é uma busca incansável, “é por definição algo que se procura” (Quivy & Campenhoudt, 2005, p. 251). Este sentimento surge paralelamente à necessidade da criação de um Referencial de Curso para o Atirador Explorador.

Segundo Fortin (1999) existem diversos métodos de investigação científica que podem ser a intuição, as tradições, a autoridade, a experiência pessoal, a tentativa erro, o raciocínio lógico e a investigação. Dentre estes, a investigação científica é o mais “rigoroso e aceitável” (Fortin, 1999, p. 17), sendo que este processo visa responder a perguntas que se constituem como questões claras e precisas de um determinado tema.

O corrente Trabalho de Investigação Aplicada nasce com a que segundo Quivy & Campenhoudt (2005) é a primeira etapa do procedimento para a investigação científica, a formulação da pergunta de partida. Como premissa para o desenvolvimento deste projeto foi definida uma pergunta de partida, que ao longo do trabalho se procura responder. Todo o processo de investigação contribui para a resposta à pergunta de partida que é “De que modo a formação do Atirador Explorador responde às necessidades dos Teatros de Operações do século XXI?”

Na investigação em curso importa compreender a resposta às perguntas derivadas, estas elaboradas com o objetivo de contribuírem para responder à pergunta de partida.

PD1: De que modo o desempenho do cargo do Atirador Explorador, incluindo a sua proficiência técnica e desembaraço tático influenciam as operações do Esquadrão?

PD2: Aquando a integração das praças nos Pelotões de Reconhecimento de que modo o Atirador Explorador é formado no Exército Português?

PD3: Como é realizada a formação do Atirador Explorador no Exército dos EUA e da Espanha?

PD4: Tendo em conta a proficiência técnica, desembaraço tático e condição física de que modo o Exército Português pode orientar a formação no desempenho do cargo do Atirador Explorador garantindo a sua eficácia?

Para a realização deste trabalho foi adotada uma abordagem qualitativa, uma vez que implica o estudo em profundidade de um reduzido número de casos, mas por norma com

precisão (Lousã, Santos, & Cabral, 2018). Assim sendo, adequa-se ao presente trabalho uma vez que vai ser estudado o Atirador Explorador com detalhe.

Foi utilizado um desenho de pesquisa comparativo, que compreende estudar diversos casos em contraste, de acordo com “métodos idênticos” em conformidade com Bryman (2012 citado em Santos, et al., 2019, p.72). Este tipo de estratégia de investigação está associado a uma abordagem indutiva³. Segundo essa ordem de pensamento há um estudo dos Pelotões de Reconhecimento que nos permite compreender como são empenhados, que armamento e equipamento utilizam. O Capítulo 3 está organizado, de acordo com os países que vão ser estudados (Portugal, EUA e Espanha), o objetivo deste Capítulo é compreender qual o ambiente operacional do Atirador Explorador e a complexidade das operações em que está inserido. O Capítulo 4 pretende explicar como se processa a formação do Atirador Explorador na atualidade nas três Unidades de Reconhecimento, integradas nas seguintes três Brigadas: A Brigada Mecanizada (BrigMec) está equipada com o Esquadrão de Reconhecimento (ERec) em Santa Margarida, no Quartel da Cavalaria (QCav). A Brigada de Reação Rápida (BRR) tem como unidade de Reconhecimento, sediada no Regimento de Cavalaria nº3 (RC3), em Estremoz, uma unidade de Escalão Esquadrão. A Brigada de Intervenção tem o Grupo de Reconhecimento (GRec) em Braga, no Regimento de Cavalaria nº6 (RC6). O estudo destas três unidades é essencial para compreender como se processa a formação do Atirador Explorador nos dias de hoje.

Após isso é importante compreender de que modo se processa a formação do Atirador Explorador no Exército dos EUA e da Espanha. A importância do estudo do Exército dos EUA advém da sua doutrina se constituir como referência. Relativamente ao estudo do Exército Espanhol, o interesse reside no facto de se constituírem como país vizinho e por operarem com o Exército Português com regularidade.

O presente método indutivo trabalhado ao longo da investigação vai ser efetivado de acordo com dois aspetos. O primeiro para encontrar pontos em comum e diferenças da formação do Atirador Explorador nas três Unidades de Reconhecimento do Exército Português, o ERec integrado na Brigada Mecanizada, o ERec integrado na Brigada de Reação Rápida e o GRec na Brigada de Intervenção. O segundo para compreender de que modo o Exército Português pode adaptar a formação do Atirador Explorador, para que se

³ O processo indutivo aborda o tema partindo de diversos factos particulares que nos levam a concluir um facto generalizado (Santos, et al., 2019)

aproxime do que está a ser praticado pelo Exército dos EUA e da Espanha. E assim é também explicado o porquê de o desenho de pesquisa comparativo ser o mais indicado, uma vez que vai permitir através de determinados parâmetros comparar a formação destes militares e o seu desempenho no Exército de Portugal, EUA e Espanha.

2.2 – Métodos de Recolha de dados

Na presente investigação foram utilizados dois métodos de recolha de dados, a investigação documental e a investigação não documental, neste caso através de entrevistas estruturadas⁴.

A realização de uma investigação intensiva sobre a formação de praças no Exército Português foi essencial para compreender o enquadramento que nos permite entender a formação do Atirador Explorador com clareza. Após a análise dos documentos que se constituem como planos de estudos do Atirador Explorador, o estudo dos Quadros Orgânicos das diversas Unidades de Reconhecimento de Portugal, EUA e Espanha, é essencial compreender a importância dada a cada aspeto na formação do Atirador Explorador. Para além disso há que salientar a importância de acompanhar a análise destes documentos com informação obtida nas entrevistas, em virtude da documentação por vezes não ser pormenorizada.

A entrevista serviu para compreender as experiências de vários Oficiais da Arma de Cavalaria que estiveram em circunstâncias relacionadas com a formação e desempenho do cargo do Atirador Explorador. A entrevista realizada de resposta aberta foi importante para compreender de que modo se processa a formação nas Unidades de Reconhecimento, de que modo já foi realizada e qual é, segundo a opinião dos entrevistados, a posição que assumem perante toda a temática estudada, colmatando assim algumas falhas de informação que não foram preenchidas pela análise documental.

As entrevistas foram realizadas a oficiais Comandantes de Pelotões de Reconhecimento e de Esquadrão, bem como outros com uma estreita ligação e experiência no que concerne ao Comando de Pelotões de Reconhecimento. Sendo, portanto, essencial a informação qualitativa reunida. A caracterização dos entrevistados encontra-se explanada na Tabela n.º 2.

⁴ Esta implica que cada entrevistado só responde a um número de perguntas previamente contruídas pelo entrevistador (Lousã, Santos, & Cabral, 2018).

FORMAÇÃO DO ATIRADOR EXPLORADOR

Tabela n.º 2 – Caracterização dos entrevistados

Posto	Nome	Função
Capitão	Isidoro	Comandante do Esquadrão de Reconhecimento (ERec) da Brigada Mecanizada (BrigMec).
Capitão	Fernandes	Comandante da Célula de Integração de Informação do AgrISTAR, e em acumulação de funções como oficial adjunto da SOIS do RC3.
Capitão	Silva	Comandante do Esquadrão de Reconhecimento do Agrupamento ISTAR e da Brigada de Reação Rápida.
Tenente	Oliveira	2º Comandante do 1º Esquadrão de Reconhecimento, do Grupo de Reconhecimento, do Regimento de Cavalaria nº6.
Tenente	Valério	Chief Trainer da 2ª Equipa de Formação do 10CN/FND/OIR.
Tenente	Salgado	2º Cmdt Esquadrão de Reconhecimento (ERec) da Brigada Mecanizada (BrigMec).

Fonte: Elaboração própria

2.3 – Técnica de Tratamento e análise de dados

De entre os países estudados existe uma divergência entre as horas de formação do Atirador Explorador, equipamento e armamento, portanto, surgiu a necessidade de criar um denominador comum que permita comparar os três países de forma a compreender as semelhanças e divergências. Em acréscimo importa compreender de que modo nos podemos adaptar aos métodos do Exército dos EUA (muito evoluídos no que respeita aos equipamentos e formação do Atirador Explorador), e ao Exército da Espanha (país vizinho e aliado com quem o Exército Português realiza exercícios e participa em operações militares).

Para isso foi utilizada uma abordagem das componentes essenciais do militar, que segundo Freire (2012a) são uma clara conceptualização dos requisitos que qualquer militar deve ter: condição física, proficiência técnica e desembaraço tático (Freire, 2012a).

A análise dos planos de estudos do ERec da BrigMec, do ERec da BRR e do GRec da BrigInt, vai permitir organizar as diferentes instruções em módulos, se ainda não se encontrarem assim organizadas e após isso vão ser agrupadas numa destas três componentes. O mesmo vai ser realizado para o Exército Americano e Espanhol. Esta abordagem vai permitir a possibilidade de comparar três Exércitos distintos.

Após isso o número de horas de instrução dedicadas a explorar cada um dos requisitos do Atirador Explorador vai ser traduzido em percentagens. Desta forma é possível realizar a comparação desejada.

2.3.1 – Condição Física

Como referido anteriormente, e segundo Freire (2012a), a condição física é o ponto de partida inquestionável para o desempenho do militar. O atual reduzido efetivo, principalmente na categoria de praças dificulta a operacionalização dos militares, uma vez que as necessidades logísticas das unidades devem ser cumpridas e muitas vezes são prioridade (Rosa, 2014). Deste modo Freire (2012a) considera que é importante promover atividades físicas, no sentido de realizar treino físico todos os dias, motivar os militares para os campeonatos desportivos militares e para o treino que se traduz em tempos de lazer (Ex. desportos coletivos).

Todos os módulos no âmbito do treino físico vão ser integrados no conceito da condição física para depois conseguirmos equiparar os diferentes dados.

2.3.2 – Proficiência Técnica

A proficiência técnica é uma das três componentes essenciais do militar (Freire, 2012b), definindo-se como a capacidade de “sabermos operar com destreza e à-vontade os equipamentos cometidos à nossa responsabilidade para o cumprimento da missão” (Freire, 2012b, p. 40). As principais áreas de exigência técnica que podem ser treinadas para garantir a proficiência técnica dos militares, são o domínio do armamento individual, técnica da viatura, transmissões, socorrismo, navegação (Freire, 2012b). No contexto do presente trabalho, os módulos relativos a estas áreas ou outras que sejam indubitavelmente parte da componente técnica dos militares vão ser agrupados em função da proficiência técnica, para posterior análise e comparação de dados.

2.3.3 – Desembarço Tático

O desembarço tático representa o conjunto de conhecimento doutrinário como a iniciativa e criatividade, e a capacidade que cada militar tem de se adaptar a diferentes circunstâncias (Freire, 2013). Na conceptualização deste termo pode-se considerar que o desembarço tático inclui três vertentes importantes, “a liderança; o Planeamento e Comando e Controlo; e a Tática propriamente dita” (Freire, 2013, p.46). A liderança implica “um misto de educação, treino e experiência” (Headquarters Department of the army [HQDA], 2015b, pp. 1-1). O seu objetivo reside em ter um Exército com iniciativa, dinâmico e capaz de cumprir qualquer missão, dando a todos os militares uma capacidade de decisão adequada aos valores do Exército e à missão. A instituição deve garantir condições para que

os militares desenvolvam confiança em diferentes níveis, nas famílias e no Exército; entre os soldados, a população civil, os pares e os Comandantes. (HQDA, 2015b). O planejamento é o processo em que o comandante visualiza o resultado que pretende em cada operação militar, e o Comando e Controle (C2) é a capacidade de cada comandante garantir que a sua força execute a missão. (EME, 2012). Para garantir estas duas vertentes é necessário que todos os militares estejam alinhados relativamente ao objetivo, dando coerência a todos os escalões de uma unidade. (Freire, 2013). A tática é o “emprego de unidades de combate (...) em relação ao terreno, inimigo e forças amigas, para traduzir o potencial de combate em vitória nas batalhas e empenhamentos” (EME, 2012, p. B - 23).

CAPÍTULO 3 – ATIRADOR EXPLORADOR

O presente Capítulo tem como objetivo compreender o ambiente operacional em que o Atirador Explorador está inserido. De que forma a eficácia de cada um dos militares tem impacto no que é o sucesso das operações do Esquadrão, por forma a responder à PD1: *De que modo o desempenho do cargo do Atirador Explorador, incluindo a sua proficiência técnica e desembaraço tático influenciam as operações do Esquadrão?* Sendo ainda importante estudar os meios técnicos de cada um dos pelotões que integram as diversas Unidades de Reconhecimento do Exército Português, Americano e Espanhol.

O Atirador Explorador integra uma Secção, três ou quatro Secções constituem um Pelotão de Reconhecimento e estes são parte integrante de um Esquadrão de Reconhecimento. Há ainda Unidades de Reconhecimento que se podem organizar em Grupos de Reconhecimento constituídos por três Esquadrões. As Unidades de Reconhecimento são empenhadas no Campo de Batalha para realizar Operações de Reconhecimento e de Segurança.

As Operações de Reconhecimento podem ser efetuadas antes, depois ou durante as operações, com o objetivo de adquirir informação que em tempo útil possa ser usada para compreender e preparar o espaço de batalha, contribuindo para o *Intelligence Preparation of the Battlefield* (IPB⁵), (EME, 2016). São operações importantes para o Comandante uma vez que lhe permite obter informações que possam alterar o rumo da operação. As Unidades de Reconhecimento são conhecidas como sendo os “olhos e ouvidos” (Cherepanova, 2017, p. 28) do Comandante.

Por outro lado, as Unidades de Reconhecimento também podem efetuar operações de segurança que têm como principal objetivo garantir que uma força não é surpreendida pelo inimigo (EME, 2016). A principal diferença entre as operações de Segurança e de Reconhecimento, é que a primeira é “orientada pela força em proveito da qual atuam” e a segunda é “orientada para o inimigo ou terreno” (EME, 2016, p. 2).

As Unidades de Reconhecimento são essenciais para suportar o Comando da Brigada, uma vez que lhes fornece um melhor entendimento “das dinâmicas táticas, humanas e políticas da área de operações” (White, 2017, p. 40), o ambiente em que estas unidades operam é altamente complexo, e para “ultrapassar isso, é necessário que os Comandantes se

⁵ IPB é o estudo do espaço de batalha pelas informações com as exigências atuais do CB, surge a necessidade de processar a informação num espaço de tempo reduzido, para poder auxiliar o processo de decisão dos comandantes nas Operações Militares (EME, 2010).

esforcem para manter a missão clara e compreensível aquando a partilha de informações, o que permite uma rápida iniciativa por meio das ordens.” (White, 2017, p. 38).

Os princípios das Operações de Reconhecimento são, “garantir a continuidade do reconhecimento, não manter meios de reconhecimento em reserva, orientar-se pelo objetivo de reconhecimento, relatar com rapidez e precisão todas as informações, manter a liberdade de manobra, estabelecer e manter o contacto com o inimigo e esclarecer rapidamente a situação” (EME, 2016, pp. 1-2). Manter estes fundamentos é essencial para o Comandante decidir se confirma, rejeita ou modifica a forma como considera que a operação se vai desenrolar. (HQDA, 2015a).

Como referido, as unidades têm a capacidade de garantir operações de reconhecimento e estas devem ter em conta os princípios das operações de segurança que são: “Alertar com oportunidade e informar com precisão a força em proveito da qual atuam; garantir a esta força tempo e espaço de manobra; localizar-se e manobrar em função da posição e movimentos da força em proveito da qual atuam; executar reconhecimentos contínuos; manter o contacto com o inimigo” (EME, 2016, p. 2-2).

O Exército dos EUA considera que é o momento para que o conceito de reconhecimento militar passe a ter uma vertente *cyber*, e a responsabilidade deva ser atribuída à Arma de Cavalaria. O reconhecimento consiste em através da terra, ar e nos dias de hoje, *cyber*, obter informações sobre inimigo, terreno, condições meteorológicas e o domínio do ambiente eletrónico que garante uma vantagem tática sobre o inimigo. Apesar da inovada tecnologia com que o Exército dos EUA opera, não são esquecidas as capacidades de navegação, identificação e domínio das viaturas, bem como as ações ao contacto, continuando estas a serem tarefas essenciais para os Pelotões de Reconhecimento (Taylor, 2018).

A evolução dos meios disponíveis e o aumento dos estímulos provoca também uma evolução dos Exércitos. O reconhecimento é “complementado por meios de vigilância, bem como por produtos das informações produzidos pelos escalões superiores, inferiores e adjacentes” (HQDA, 2015a). Estas unidades atuam numa corrida contra o tempo, com o objetivo de compreender todas as informações que recolhem, interpretá-las e ter em consideração quais as que são importantes para o Escalão Superior e para a operação na qual estão enquadrados (White, 2017). O reconhecimento não se executa por si só com as Unidades de Reconhecimento, tendo o Comandante perante si “uma combinação de meios terrestres e aéreos apoiados por alguns sistemas técnicos” (EME, 2016, pp. 1-6).

Dentro deste âmbito para o Exército Português integram-se as equipas de Observadores Avançados (OAv), Sistema de Aquisição de Objetivos da Artilharia de Campanha, Detecção e Alerta da Artilharia Anti Aérea, Radares VCB (Vigilância do Campo de Batalha), UAS⁶ (*Unmanned Aerial Systems*), unidades de Helicópteros, Forças de Operações Especiais e outros sensores de recolha de informações. (EME, 2016). Todos estes meios devem ser “maximizados pelo comandante” (HQDA, 2015a, pp. 5-4).

Todos estes sensores fornecem uma capacidade de “flexibilizar, e economizar recursos montados ou apeados” a estas Unidades de Reconhecimento (HQDA, 2015a, pp. 5-5). Mas para isso surge a necessidade de todos os militares compreenderem as informações destes sensores e o impacto que estas podem ter no desenrolar da operação.

Segundo a resposta à questão 6⁷, os entrevistados consideram que os UAS são a principal evolução tecnológica que atualmente pode mudar o rumo da operação.

Relativamente aos UAS, estes sistemas “aumentam dramaticamente a capacidade dos Esquadrões para conduzir Operações de Reconhecimento e Segurança” (Schmid, 2018). Estes meios são um importante contributo para as Operações de Reconhecimento essencialmente os (*Unmanned Aerial Vehicles*) UAV. Contudo, não são invisíveis nem indetetáveis e empenhar os meios antiaéreos para os abater é irrealista, sendo, portanto importante a criação de mecanismos com a capacidade de destruir os UAS eficazmente.

Foi referido pelos entrevistados que uma outra das condições dos Teatros de Operações atuais é o combate em áreas urbanas. O Exército Espanhol na formação dos Oficiais de Cavalaria atribui uma elevada importância ao combate em ambiente urbano, uma vez que durante uma semana intensa esses militares têm uma formação exaustiva sobre planeamento e procedimentos em áreas urbanas (Miravalles, 2018, p. 67).

O Atirador Explorador, como militar integrado no Pelotão de Reconhecimento e por conseguinte nos Esquadrões de Reconhecimento, tem de estar capacitado a lidar com todas as formas de informação e compreender de que modo são importantes para garantir o sucesso de toda a operação. Uma vez que “os elementos dos Pelotões de Reconhecimento podem moldar o futuro de uma operação, com uma apropriada observação, reportar essa observação, (...) e a integração de facilitadores” (LaFleur, 2018, p. 20). Esses facilitadores são considerados a navegação, capacidades de extração e infiltração no espaço de batalha,

⁶ Os sistemas de UAS, são muito vantajosos no sentido de não expor os militares em primeira instância e terem a capacidade de adquirir informações que são importantes para compreender a presença e movimentos do inimigo em diversas áreas do Campo de Batalha. Contudo a sua utilização requer uma consideração crítica no que concerne ao seu empenho no espaço aéreo (HQDA, 2015a, p. 5-5).

⁷ Consultar Apêndice K

capacidades de sobrevivência, transmissões, e um moral elevado que advém de uma boa preparação técnica, tática e física para ultrapassar as adversidades e cumprir a missão. (LaFleur, 2018).

Nos Exército Americano, a importância atribuída às operações de reconhecimento é de tal forma elevada que se construiu um Curso de Reconhecimento, onde são abordadas as Operações de Reconhecimento, nomeadamente, a missão, organização, continuidade, a necessidade de ter um elevado conhecimento sobre fogos indiretos e o estudo do espaço de batalha pelas informações. Estes conteúdos são um importante contributo para garantir o melhoramento do desembarço tático dos militares. Além deste aspeto são trabalhados no curso uma variedade de conceitos que visam garantir a proficiência técnica dos militares, como as transmissões e a navegação (Zang, 2018).

As Operações de Reconhecimento e Segurança são consideradas tarefas de transição, o que significa que são utilizadas “para apoio ao planeamento, preparação e execução de todos os outros tipos de operações” (EME, 2012, p.1-6). Deste modo, as Unidades de Reconhecimento e todos os militares que as constituem devem possuir uma capacidade de compreensão de toda a operação para a qual estão a contribuir. Segundo a resposta à questão 4⁸ da entrevista realizada, os oficiais consideram que é essencial que o Atirador Explorador conheça o emprego tático do seu Pelotão integrado na operação.

Existem 5 tipos de operações de reconhecimento: Reconhecimento de itinerário, de zona, de área, em força e especial (EME, 2016).

O reconhecimento de itinerário “é orientado por uma linha de comunicação específica” (EME, 2016, p. 1-9) obtendo informação sobre o inimigo, terreno, e outros fatores (naturais ou humanos) que podem afetar a traficabilidade da via (HQDA, 2015a).

O reconhecimento de zona “é orientado para a obtenção de informações sobre todos os itinerários, obstáculos, terreno e forças inimigas numa zona específica” (EME, 2016, p. 1-12). Este tipo de reconhecimento é executado quando a informação sobre o inimigo, terreno, infraestruturas e a própria população não é clara para o comandante (HQDA, 2015a).

O reconhecimento de área é “orientado para a obtenção de informações detalhadas sobre o terreno ou atividade inimiga, numa determinada área delimitada por uma linha fechada” (EME, 2016, p. 1-14).

O reconhecimento em força é uma “operação ofensiva com objetivos de reconhecimento claramente definidos” (HQDA, 2015a), e é realizado apenas por unidades

⁸ Consultar Apêndice K

de escalão Grupo/Batalhão e Brigada (EME, 2016). É utilizado pelo comandante quando a situação do inimigo e terreno é vaga e é pretendido ter informação detalhada sobre uma determinada área (HQDA, 2015a).

O reconhecimento especial é realizado apenas por forças de operações especiais (EME, 2016).

Existem quatro tipos de operações de segurança: vigiar, guardar, cobrir e segurança de área. A operação vigiar visa garantir o aviso da aproximação do inimigo em tempo útil para a força protegida, guardar implica que além de obter informações sobre o inimigo se combata através do fogo para adiar a chegada à força principal, contudo neste caso a Unidade de Reconhecimento não atua fora do alcance do apoio de combate da Brigada. Por outro lado, uma força que efetue uma operação de cobertura atua de forma independente da Brigada. A segurança de área é realizada quando a Brigada tem a necessidade de manter uma determinada área sem a presença de forças inimigas (EME, 2016).

No seio de toda a complexidade que caracteriza o espaço de batalha nos dias de hoje, os Pelotões de Reconhecimento são a principal fonte de informação do Comandante de Esquadrão (HQDA, 2019, p. 1-1), daí considerar importante analisar cada um dos pelotões com detalhe técnico e tático dos Exércitos dos três países em estudo no presente trabalho, Portugal, EUA e Espanha e compreender qual o seu envolvimento nas operações de acordo com os meios pelos quais são apoiados pelo Escalão Superior.

Os Pelotões de Reconhecimento podem ser heterogêneos ou homogêneos, em que os primeiros são constituídos pela mesma família de viaturas, enquanto que os segundos são constituídos por duas ou mais famílias diferentes de viaturas. Os pelotões heterogêneos têm diversas vantagens, uma vez que dois sistemas de armas diferentes completam-se reduzindo as vulnerabilidades do Pelotão e aumentando a sua flexibilidade e adaptabilidade ao Campo de Batalha. Por outro lado, o C2 destes pelotões é mais complexo. Os pelotões homogêneos têm maior facilidade de mobilidade e o apoio logístico destes é mais facilitado (Hernández, 2018).

3.1 – Portugal

No Exército Português existem três Unidades de Reconhecimento, cada uma integra uma Brigada. A Brigada Mecanizada tem o Esquadrão de Reconhecimento (ERec) equipado com meios pesados de lagartas: a VBTP M113 e o CC Leopard II 2A6 (EME, 2014c). A Brigada de Intervenção é constituída por uma Unidade de Reconhecimento médio, o Grupo

de Reconhecimento (GRec) equipado com viaturas de reconhecimento médias a VBR (Viatura Blindada de Rodas) Pandur II 8x8 em várias versões (EME, 2014d). A Brigada de Reação Rápida tem um ERec que integra o Agrupamento ISTAR e é equipado com viaturas blindadas ligeiras VBL Panhard M11 4x4⁹ (EME, 2014e).

As Unidades de Reconhecimento no Exército Português atuam com o objetivo de garantir que a Brigada na qual estão inseridas recebe todas as informações que necessita para garantir a concretização e o sucesso da missão. No presente subcapítulo o objetivo é compreender de que modo estão organizados os Pelotões de Reconhecimento do ERec da Brigada Mecanizada, o GRec da Brigada de Intervenção e o ERec da Brigada de Reação Rápida bem como compreender as componentes técnicas e táticas que devem estar desenvolvidas no Atirador Explorador inserido nestas unidades. As Unidades de Reconhecimento enquanto realizam as Operações de Reconhecimento “conduzem em paralelo planeamento com a Brigada” (White, 2017, p. 40). A qualidade de informações que os Pelotões de Reconhecimento absorvem e transmitem à Brigada em tempo útil podem mudar o rumo da operação.

O ERec da Brigada Mecanizada está disposto de modo “a possibilitar o seu emprego como Unidade de Reconhecimento do Comando da Brigada Mecanizada”. É uma unidade de manobra que emprega um elevado “poder de fogo (direto e indireto)” (EME, 2014c).

O Pelotão de Reconhecimento (PelRec) desta Unidade é um Pelotão heterogéneo constituído pela Secção de Comando, Secção de Carros de Combate (CC), Secção de Exploração e a Secção de Atiradores¹⁰ como explanado na Figura n.º 3.

⁹ A Brigada Mecanizada e a Brigada de Reação Rápida possuem Unidades de Reconhecimento de escalão Esquadrão, enquanto que a Brigada de Intervenção possui meios de escalão Grupo (EME, 2014d).

¹⁰ Consultar Apêndice A.

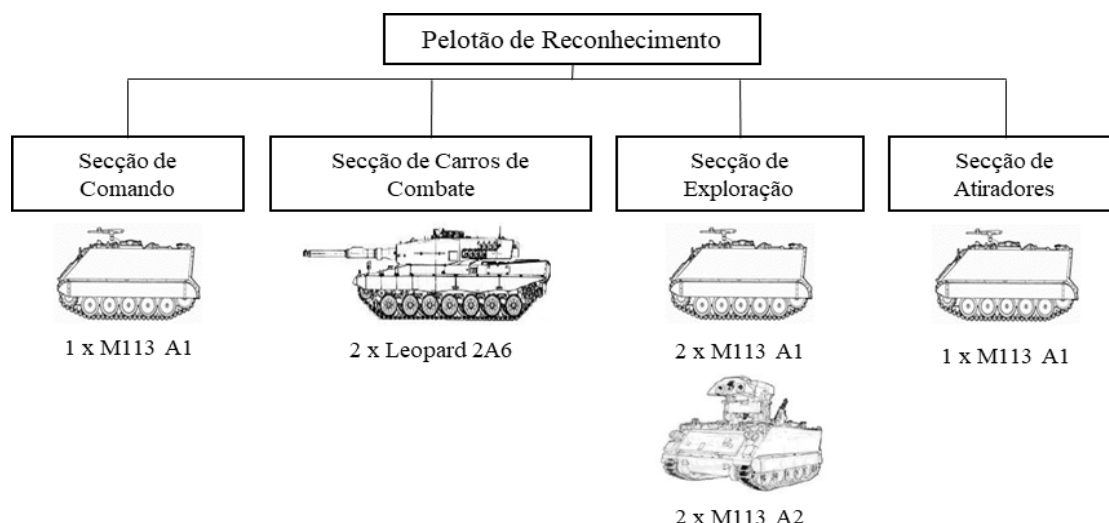


Figura n.º 3 - Pelotões de Reconhecimento do Esquadrão de Reconhecimento da Brigada Mecanizada

Fonte: Adaptado de (EME, 2014c, p.5)

A Secção de Comando está equipada com a VBTP de lagartas M113 A1, equipada com uma MP Browning 12,7 mm. A secção de Carros de Combate está equipada com o Carro de Combate Leopard 2A6 que possui uma peça de 120 mm e 4 metralhadoras FN 7,62. A Secção de Exploração está equipada com duas viaturas M113 A1 e duas viaturas M113 A2 equipadas com o Sistema Lança Míssil (SLM) M220 A2 TOW. A Secção de Atiradores é composta por uma VBTP M113 A1.

No presente Pelotão de Reconhecimento o Atirador Explorador deve operar o equipamento e armamento do Pelotão. Bem como armamento individual que o possa equipar como a G3, o Lança Granadas (LG) HK-79 e uma Metralhadora Ligeira (ML) HK-21. (EME, 2014c).

De acordo com o Apêndice A, representativo do quadro orgânico deste Pelotão, pode verificar-se que cada Atirador Explorador opera alguns dos meios. Contudo, de acordo com a resposta à questão 4¹¹ das entrevistas uma das tarefas citadas como essencial é a capacidade do Atirador Explorador para “conhecer o emprego tático do armamento do Pelotão bem como o seu funcionamento”. O Atirador Explorador deve ter o conhecimento do empenho tático do armamento. A MP Browning 12,7¹² (Escola Prática de Cavalaria [EPC], 2007, p.7-

¹¹ Consultar Apêndice K

¹² A metralhadora pesada é eficaz a bater alvos aéreos e terrestres (viaturas de blindagem ligeira) (EPC, 2007, P.7-2) citado em (Albuquerque, 2010)

2) citado em (Albuquerque, 2010), o SLM M220 A2 TOW¹³ é capaz de bater alvos blindados a longas distâncias o Leopard 2A6 um elevado poder de fogo sobre CC inimigos (Albuquerque, 2010).

Além dos Pelotões de Reconhecimento o ERec conta com uma Secção de Vigilância do Campo de Batalha (VCB), uma secção mini-UAV equipada com o RQ-11B Raven UAS¹⁴, uma Secção de Transmissões e um Pelotão de Morteiros Pesado equipado com a viatura porta-morteiro M106¹⁵ (EME, 2014c).

A Brigada de Intervenção conta com o Grupo de Reconhecimento localizado no Regimento de Cavalaria nº6, em Braga. Esta unidade “prepara-se para executar operações em todo o espectro das operações militares, no âmbito nacional ou internacional, de acordo com a sua natureza” (EME, 2014d, p. 3), tendo a possibilidade de efetuar Operações de Reconhecimento e de Segurança.

Uma das suas principais capacidades é a de “contribuir para o esforço de pesquisa da Brigada através (...) de notícias e ações de informações” (EME, 2014d, p. 4), constituindo-se como unidade essencial e imprescindível no seio da Brigada.

Os Pelotões de Reconhecimento que integram os ERec são pelotões homogêneos e estão organizados em três Secções, a Secção de Comando, a Secção de Exploração e a Secção Canhão¹⁶.

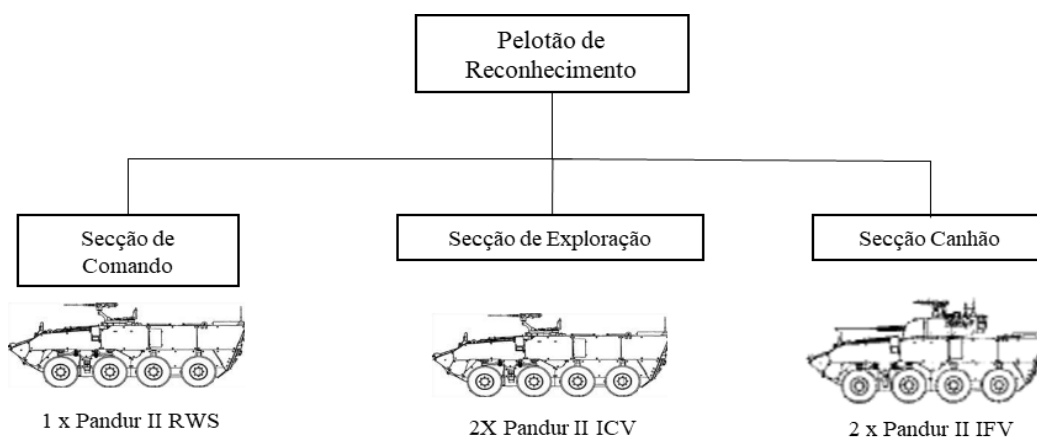


Figura n.º 4 - Pelotões de Reconhecimento do Esquadrão de Reconhecimento da Brigada de Intervenção

Fonte: Adaptado de (EME, 2014d, p.37)

¹³ Sistema Lança Mísseis A2 TOW é um míssil filo-guiado, lançado por tubo que garante abater a grandes distâncias viaturas blindadas com precisão (USArmy, 2012).

¹⁴ RQ-11B Raven é lançado manualmente com autonomia para 90 minutos e aproximadamente 10 quilómetros (USArmy, 2013).

¹⁵ A viatura M106 está equipada com o morteiro médio 107 mm. (HQDA, 1993).

¹⁶ Consultar Apêndice B

A secção de comando é composta por a VBR Pandur II RWS (*Remote Weapon System*)¹⁷, a Pandur II IFV (*Infantry Carrier Vehicle*)¹⁸ e a Pandur II ICV (*Infantry Combat Vehicle*)¹⁹ equipada com um canhão de 30 mm. (EME, 2014d). Além disso o Esquadrão onde este Pelotão está inserido conta com a Secção de Vigilância do Campo de Batalha²⁰, a Secção Mini UAV²¹, um Pelotão Anti Carro²² e um Pelotão de Morteiros Pesados²³.

A arma individual dos Atiradores Exploradores é a espingarda automática G3, além disso estes militares utilizam a ML-HK-21 e o LG HK-79.

O Esquadrão de Reconhecimento que integra a Brigada de Reação Rápida está localizado no Regimento de Cavalaria nº3 em Estremoz. Esta Unidade de Reconhecimento é composta por três Pelotões de Reconhecimento em Quadro Orgânico.

A sua missão é: “preparar-se para executar operações em todo o espectro das operações militares, no âmbito nacional ou internacional, de acordo com a sua natureza” (EME, 2014, p. 3).

Cada Pelotão de Reconhecimento tem uma organização homogénea e é composto pela Secção de Comando, 1º Secção e 2º Secção²⁴ como explanado na Figura n.º 5.

¹⁷ A VBR Pandur II RWS está equipada com a MP M2HB 12,7 mm que pode ser operável desde o interior da viatura a 360º (EPC, 2008).

¹⁸ Equipada com o canhão de 30 mm, com um sistema de estabilização e de seguimento de alvo (EPC, 2008).

¹⁹ A VBR Pandur II ICV está equipada com a MP Browning 12,7 mm.

²⁰ Equipada com a VBR Pandur II VCB equipada com um sistema de observação que inclui câmara diurna e térmica, LRF (laser range finder).

²¹ Equipada com o UAS RQ-11B Raven. Meios previstos em QO presente em meios físicos no Agrupamento ISTAR.

²² Equipada com a VBR PANDUR II 8×8 PortaMíssil Anti-Carro equipada com Sistema Míssil TOW (EPC, 2008).

²³ Equipado com as Chaimite V200 com um morteiro de 81 mm.

²⁴ Consultar Apêndice C

FORMAÇÃO DO ATIRADOR EXPLORADOR

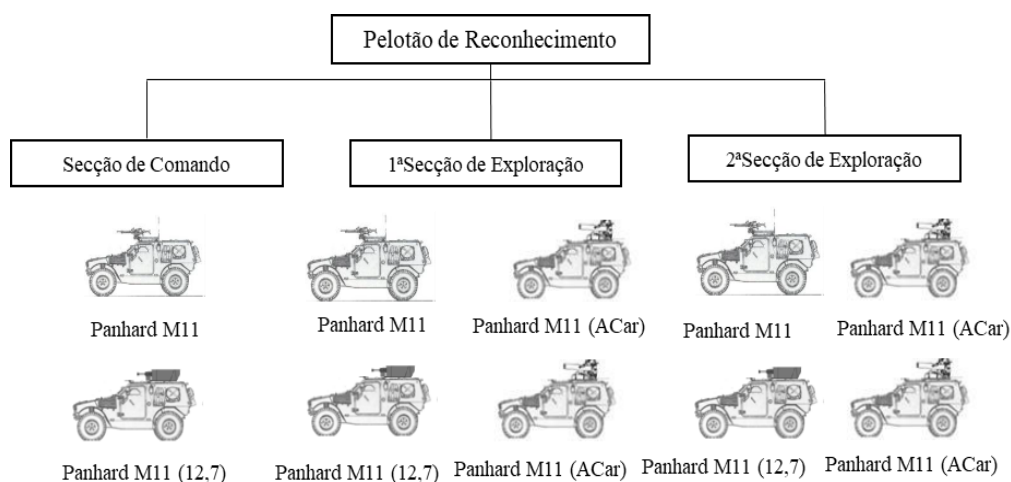


Figura n.º 5 - Pelotões de Reconhecimento do Esquadrão de Reconhecimento da Brigada de Reação Rápida

Fonte: Adaptado de (EME, 2014e, p.4)

A secção de Comando constituída por uma viatura Panhard M11 versão de Combate equipada com a metralhadora Browning 7,62 mm e uma viatura Panhard M11 versão Reconhecimento equipada com a MP Brwoning 12,7mm. A primeira e a segunda Secção de Exploração têm a mesma constituição, cada uma tem uma viatura Panhard M11 com uma MP Brwoning 12,7 mm e uma Panhard M11 equipada com uma Brwoning 7,62 mm e duas viaturas Panhard M11 equipada com o míssil Anti-Carro MILAN (EME, 2014e).

O Atirador Explorador deste Pelotão de Reconhecimento está equipado com a Espingarda Automática Galil 5.56mm e o LG HK-79.

O esquadrão onde este Pelotão se insere tem como meios disponíveis o Pelotão de morteiros de 81 mm, uma secção mini-UAV equipada com os meios Raven²⁵, presente em QO e integrada em meios físicos no Agrupamento ISTAR e uma secção de VCB.

3.2 – EUA

No Exército Americano existem três tipos de Brigadas, a *Armored Brigade Combat Team* (ABCT), a *Stryker Brigade Combat Team* (SBCT), e a *Infantry Brigade Combat Team* (IBCT). Em cada uma destas Brigadas existe um Esquadrão de Reconhecimento, constituído por Pelotões de Reconhecimento, onde estão integrados os *cavalry scout*, ou seja, o Atirador Explorador. (HQDA, 2019).

²⁵ A Secção mini-UAV está presente fisicamente no Agrupamento ISTAR, onde este Pelotões de Reconhecimento se Integra.

Nos três tipos de Brigadas do Exército Americano estão presentes 307 Pelotões de Reconhecimento operacionais, sendo que existem 90 pelotões na ABCT, 63 na SBCT e 154 na IBCT (Zang, 2018, p. 26), todos estes pelotões têm uma organização homogênea.

Os Pelotões de Reconhecimento que integram a ABCT estão equipados com viaturas de reconhecimento blindadas de lagartas M2A3 Bradley²⁶, equipada com a M240L 7,62MM²⁷ e com o Javelin²⁸ (HQDA, 2019).

Os Pelotões de Reconhecimento da SBCT têm na sua constituição seis VBR Stryker, além disso o Pelotão está equipado com o sistema de AN/TAS-8 LRAS3 (*Long Range Advanced Scout Surveillance System*)²⁹ e com o Javelin, bem como uma metralhadora de 12,7mm e uma metralhadora M240L 7,62 mm. (HQDA, 2019)

Os Pelotões de Reconhecimento da IBCT são equipados com as viaturas HMMWVs que dispõem do LG MK 19 40-mm e uma MP de 12,7mm. À semelhança dos anteriores Pelotões de Reconhecimento do Exército dos EUA, este está equipado com o AN/TAS-8 LRAS3. Além destes equipamentos o Pelotão dispõe do sistema de armas M41 TOW (HQDA, 2019).

As três tipologias de Brigadas dos EUA não realizam as suas operações por si só com os Pelotões de Reconhecimento, assim sendo enumera-se as diferentes unidades que contribuem para o sucesso dos mesmos. O suporte da engenharia é essencial para garantir a mobilidade dos Pelotões ao longo das operações, bem como para permitir que estes atuem em ambientes de contaminação Nuclear Biológica Química Radiológica NBQR. O apoio de fogos indiretos é essencial para estes pelotões uma vez que muitas vezes atuam afastados da força principal. O empenho de Pelotões de Morteiros é importante essencialmente para terrenos montanhosos ou zonas urbanas. A integração de snipers é importante em operações que surge a necessidade de eliminar alvos pontuais. A Companhia de Guerra Eletrónica que organiza a informação dos diversos sensores. Os UAS são muito relevantes nas missões de reconhecimento e aumentam extraordinariamente as capacidades dos Pelotões de Reconhecimento (Headquarters Department of the Army [HQDA], 2019).

O Atirador Explorador que integra estes Pelotões de Reconhecimento, tem de ter a proficiência técnica para lidar com todo o armamento e equipamento presente no Pelotão de

²⁶ Viatura equipada com um canhão de 25 mm (USArmy, 2001).

²⁷ Metralhadora utilizada para bater forças apeadas do inimigo e alvos aéreos (HQDA, 2017).

²⁸ Javelin é um míssil portátil com a capacidade de bater viaturas blindadas ([HQDA, 2008).

²⁹ Este dispositivo é um multisensor de longo alcance capaz de providenciar detetar, reconhecer, identificar, marcar alvos a longas distância em diversas condições de visibilidade em tempo real (USArmy, 2013).

Reconhecimento, mas a sua capacidade de avaliar a situação tática em que se integra e compreender o valor significativo que a sua recolha de dados tem para o Esquadrão é importante na concretização das operações com sucesso. Os Pelotões de Reconhecimento “disciplinados, com iniciativa e treinados são a garantia para o processo de decisão do Comandante, sem eles os Comandantes têm dificuldades em compreender o ambiente, e os seus homens passam tempo precioso a planear no vazio” (Lesperance, 2018, p. 2). O sucesso das operações de reconhecimento é em grande medida responsabilidade dos Pelotões de Reconhecimento que são os pilares deste tipo de operações (Lesperance, 2018).

3.3 - Espanha

No Exército Espanhol existem três tipos de Pelotões de Reconhecimento heterogéneos e dois de composição homogénea. Existem dois tipos de Unidades de Reconhecimento, a SLAC (Sección³⁰ Ligera Acorazada) e a SAC (Sección Acorazadas). Deste modo o Exército Espanhol organiza os Pelotões de Reconhecimento em dois tipos de Esquadrões, os primeiros de reconhecimento ligeiro (SLAC) e os segundos de reconhecimento pesado (SAC) (Ejército de Tierra, 2013).

A SLAC pode ser constituída por três tipos de Pelotões de Reconhecimento o primeiro Pelotão constituído por duas VBR VEC³¹ e dois CC Leopard 2E³² (Hernández, 2018). O segundo composto por duas VBR 8x8 Centauro³³ e 2 VBR VEC, e o terceiro é composto por quatro VBR VEC (Jefatura de Adiestramiento y Doctrina de Caballería [JADCAB], 2019).

Existem dois tipos de Pelotões de Reconhecimento que integram a SAC, o primeiro é composto por dois Carros de Combate Leopard 2E, e com dois VCI/C Pizarro³⁴. O segundo é constituído por quatro viaturas VBR Centauro (Ejército de Tierra, 2018).

No apoio aos Pelotões de Reconhecimento surge um Pelotão de Vigilância do Campo de Batalha constituído pela VERT 4x4³⁵. (Bravo, 2017)

³⁰ Sección no Exército Espanhol é uma unidade de escalão Esquadrão.

³¹ A viatura VBR REC é uma viatura 6x6 equipada com um canhão de 25mm (Ejército de Tierra, 2013).

³² O Leopard 2E está equipado com um canhão de 120mm, esta viatura é da mesma família que viatura que o Leopard 2A6.

³³ O Centauro é um veículo de reconhecimento e combate 8x8 (Álvarez, 2018).

³⁴ Pizarro é uma viatura de combate de infantaria equipado com um canhão de 30mm.

³⁵ VERT é uma viatura ligeira de reconhecimento 4x4, que tem a capacidade de garantir através de meios de radar a obtenção de informação e disponibilização da mesma para o comandante em tempo real (Muñoz, 2019).

3.4 – Síntese Conclusiva

Tendo em conta o desenvolvimento do presente Capítulo surgiram algumas questões que merecem ser sintetizadas. Todos os Pelotões de Reconhecimento analisados demonstraram um equilíbrio considerado o adaptável ao Combate. Apesar dos diferentes meios analisados é possível estabelecer algumas semelhanças.

As Unidades de Reconhecimento prezam pela consciência clara das suas potencialidades e limitações, que lhes permita fazer o uso das primeiras e minimizar as segundas. (McGrath, 2006)

Todos os Esquadrões de Reconhecimento abordados têm na sua constituição meios que garantem fogos indiretos (Pelotão de Morteiros) e meios que auxiliem na vigilância do Campo de Batalha, como UAV. Isto mostra a evidente necessidade de estas unidades conseguirem garantir a sua própria proteção ao longo das operações.

Todos os Pelotões de Reconhecimento abordados possuem meios Anti-Carro e meios de VCB.

O presente Capítulo tem como objetivo compreender o ambiente operacional do Atirador Explorador, a proficiência técnica que deve ter cimentada e a desembaraço tático que tem de ter relativamente ao ambiente onde está inserido, para que se possa responder á PD1: *De que modo o desempenho do cargo do Atirador Explorador, incluindo a sua proficiência técnica e desembaraço tático influenciam as operações do Esquadrão?* Ao longo do presente Capítulo conseguimos compreender que o Atirador Explorador é uma peça essencial das Operações de Reconhecimento e de Segurança. Com clareza se compreende que a sua competência implica o sucesso do Pelotão onde está inserido e do Esquadrão.

Os Pelotões de Reconhecimento são flexíveis e adaptáveis às mais diversas situações táticas, derivado dos diversos meios técnicos que têm integrados e aos meios pelos quais são apoiados pelas unidades onde estão inseridos.

Apesar dos diferentes equipamentos estudados ao longo deste capítulo, as missões dos Pelotões de Reconhecimento são as mesmas, e o seu envolvimento na missão é segundo LaFleur (2018) um fator capaz de mudar o rumo de uma Operação de Reconhecimento e Segurança.

Este entendimento demonstra a semelhança dos Pelotões de Reconhecimento e, portanto, leva a compreender as suas parecenças. Equipadas com meios que garantem a proteção, poder de fogo e mobilidade.

Estes pelotões estão perante inúmeros sensores a transmitir informação, quer das unidades adjacentes, quer do Escalão Superior. Isto é relevante no sentido em que os Atiradores Exploradores têm de ter o conhecimento tático da operação em que estão inseridos. Uma vez que se constituem como um sensor de informação, que deve interpretar a situação tática onde está integrado e utilizar todos os meios técnicos para rentabilizar a operação (Lesperance, 2018).

Para isso o Atirador Explorador não pode apenas ter a proficiência técnica do seu armamento individual. A compreensão da missão pelo Atirador Explorador é importante para que em tempo útil consiga compreender a situação tática em que está envolvido e transmitir para o Escalão Superior informações essenciais para o rumo das operações. As operações realizadas pelos Pelotões de Reconhecimento ocorrem muitas vezes em paralelo com o planeamento do Escalão Superior, e a obtenção da informação relativamente ao terreno, inimigo e condições meteorológicas constitui-se como essencial para contribuir para a toma de decisão do Comandante (White, 2017).

Assim sendo ao longo deste Capítulo a PD1: *De que modo o desempenho do cargo do Atirador Explorador, incluindo a sua proficiência técnica e desembaraço tático influenciam as operações do Esquadrão?* encontra-se respondida.

Uma vez que foi estabelecida a especificidade de meios que o Atirador Explorador opera, o seu domínio técnico dos mesmos e compreensão tática do seu empenhamento é essencial para garantir o sucesso das operações dos Pelotões de Reconhecimento e por solidariedade do Esquadrão onde estão inseridos.

CAPÍTULO 4 – FORMAÇÃO DO ATIRADOR EXPLORADOR

Para garantir a compreensão da formação do Atirador Explorador no Exército Português foi estudado no Capítulo 1 a modelo adotado para a formação de praças. O presente Capítulo responder à PD2: *Aquando a integração das praças nos Pelotões de Reconhecimento de que modo o Atirador Explorador é formado no Exército Português?*

As considerações feitas relativamente ao Exército Português Americano e Espanhol, ao longo do Capítulo 3 objetivou o ambiente operacional do Atirador Explorador. Os equipamentos dos diferentes Pelotões de Reconhecimento são claramente distintos. Contudo há uma evidência da semelhança técnica e tática dos equipamentos dos Pelotões de Reconhecimento dos diferentes países. Desta forma surge a garantia de poder adaptar a formação do Atirador Explorador do Exército Português tendo em conta a formação nos países que vão ser estudados.

Assim sendo, no seguimento de todo o trabalho o presente Capítulo preocupa-se em responder também à PD.3: *Como é realizada a formação do Atirador Explorador no Exército dos EUA e da Espanha?*

O Capítulo corrente possibilita a comparação da formação do Atirador Explorador no Exército Português, Americano e Espanhol. Para isso, a informação vai ser analisada de acordo com a metodologia explanada no Capítulo 2, os requisitos definidos por Freire (2012a), proficiência técnica, desembaraço tático e condição física.

4.1 – Portugal

A formação do Atirador Explorador insere-se de acordo com o anexo H no Modelo da Carreira de Praças (2007), no Quadro Especial (QE) 03 Cavalaria, na especialidade 01-Campanha e no cargo de atirador. O mesmo é dizer que se enquadra na tipologia I (EME, 2007).

A formação no cargo é “ministrada na U/E/O de colocação do militar” e tem como objetivo formar os militares para o cargo específico que irão desempenhar no futuro (EME, 2007).

De acordo com o atual modelo de formação, não existe um perfil profissional definido para o Atirador Explorador nem um Referencial de Curso que alimente o perfil de desempenho no cargo. As praças que são colocadas em Pelotões de Reconhecimento passam a ter a sua Formação no Cargo nas Unidades onde são colocadas, sendo a responsabilidade de orientar e planear a formação destes militares dos Comandantes das respetivas unidades.

Surgindo, portanto, três planos de estudos, associados às três Unidades de Reconhecimento do Exército Português.

O presente subcapítulo prende-se com a preocupação de compreender de que modo é realizada a formação do Atirador Explorador nas três Unidades de Reconhecimento do Exército Português e assim responder à PD2: *Aquando a integração das praças nos Pelotões de Reconhecimento de que modo o Atirador Explorador é formado no Exército Português?* Para isso, vai ser realizado análise dos três planos de estudo. Através dos requisitos, proficiência técnica, desembaraço tático e condição física como supracitados, vai ser estudada a tendência do Exército Português no que concerne à formação do Atirador Explorador.

O ERec que integra a BrigMec procede à FCg tendo em conta um documento criado em 2007 para formar o Atirador Explorador de M113³⁶. Este Manual é um plano de estudos criado pela Unidade com o objetivo de formar o Atirador Explorador do M113³⁷. Esta formação é composta por 6 Módulos e após isso há um momento de avaliação e uma cerimónia de encerramento, como podemos verificar na Tabela n.º 3, que além disso representa a associação de cada módulo ao requisito onde se enquadra.

Tabela n.º 3 – Associação dos módulos de formação do Atirador Explorador (ERec/BrigMec) com os requisitos militares

Módulos	Requisitos	Duração(horas)
Armamento	Proficiência Técnica	13
Viatura (M113)	Proficiência Técnica	10
Técnica da especialidade	Desembaraço Tático	4
Educação Física Militar (EFM)	Condição Física	2
Avaliação		3

Fonte: Adaptado de (EPC, 2007)

A condição física representa 2 horas, no treino do Atirador Explorador.

O primeiro módulo aborda o armamento, num total de 13 horas, direcionado para operar e manter a ML HK-21, MP Browning e o LG 40mm M/79, e visa avaliar a proficiência técnica, uma vez que este mune o Atirador Explorador dos mecanismos para dominar tecnicamente o armamento que lhe é orgânico.

³⁶ Consultar Apêndice D.

FORMAÇÃO DO ATIRADOR EXPLORADOR

Após isso é estudada a viatura utilizada por este Pelotão, a VBTP M113, de modo a garantir que os militares ficam aptos a caracterizar e utilizar os compartimentos de transporte e de combate. São destinadas a este módulo 10 horas, que garantem que o Atirador Explorador possua as ferramentas técnicas para ter a capacidade de trabalhar com a viatura de forma familiarizada e bastante proficiente.

O módulo de técnica de especialidade previsto em horário prevê o desenvolvimento do desembarço tático do Atirador Explorador no que concerne às suas competências no seio das Operações de Reconhecimento e segurança. Que sendo comum às três Unidades de Reconhecimento se encontra pormenorizado ao posterior.

A formação do Atirador Explorador no Grupo de Reconhecimento da RC6 é realizada ao longo de uma semana³⁸. Os módulos previstos nesta formação estão explanados na Tabela n.º 4, e a sua associação aos requisitos.

Tabela n.º 4 – Associação dos módulos de formação do Atirador Explorador (ERec/BrigInt) com os requisitos militares

Módulos	Requisitos	Duração (horas/minutos)
Armamento	Proficiência Técnica	5h50min
Viatura	Proficiência Técnica	2h30min
Organização Militar	Desembarço Tático	6h30min
Pelotão de Reconhecimento	Desembarço Tático	8h20min
Transmissões	Proficiência Técnica	6h30min
Topografia	Desembarço Tático	4h50min
Educação Física Militar (EFM)	Condição Física	3h20min
Avaliação		2h30min

Fonte: Adaptado de (Brigada de Intervenção, 2017)

São reservadas 3h20min para o desenvolvimento da condição física destes militares ao longo da semana de instrução.

A formação do Atirador Explorador nesta Unidade de Reconhecimento prevê abordar as características da viatura (Pandur II), do armamento presente no pelotão e dos meios de transmissões. O Atirador Explorador é provido destes conhecimentos técnicos sobre o armamento e equipamento que lhe garantem o sucesso nas operações.

Esta formação contempla a evolução do desembarço tático do Atirador Explorador, no sentido em que existem instruções de Topografia, Organização Militar e Pelotão de Reconhecimento, conferindo-lhe uma vantagem tática, uma vez que desenvolve o seu

³⁸ Consultar Apêndice E.

conhecimento sobre a unidade onde está inserido. Os conceitos abordados no âmbito do Pelotão de Reconhecimento, são semelhantes para as três Unidades de Reconhecimento sendo abordados ao posterior.

O plano de estudos criado pelo ERec da Brigada de Reação Rápida é chamado de Nivelamento³⁹. Na Tabela n.º 5 estão explanados os 9 e a sua associação aos requisitos.

Tabela n.º 5 – Associação dos módulos de formação do Atirador Explorador (ERec/BRR) com os requisitos militares

Módulos	Requisitos	Duração (horas)
Armamento	Proficiência Técnica	13
Viatura (Panhard M11)	Proficiência Técnica	5
Pelotão de Reconhecimento	Desembarço Tático	13
Transmissões	Proficiência Técnica	11
Topografia	Desembarço Tático	10
Socorrismo	Proficiência Técnica	3
Educação Física Militar (EFM)	Condição Física	15
Avaliação		10

Fonte: Adaptado de (Ministério da Defesa Nacional [MDN], (s.d))

Ao longo desta formação são reservadas 15 horas para o desenvolvimento da condição física do Atirador Explorador.

Esta formação pretende dotar o Atirador Explorador da proficiência técnica, uma vez que lhe são dadas as ferramentas para o domínio técnico do armamento e equipamento, material de transmissões e socorrismo.

O módulo de topografia e Pelotão de Reconhecimento confere-lhe desembarço tático de atuação nas operações. O módulo de Pelotões de Reconhecimento constitui-se como principal no que concerne à formação do desembarço tático do Atirador Explorador no âmbito das Operações de Reconhecimento e Segurança. Que sendo semelhante às três Unidades de Reconhecimento vai ser escrutinado no próximo subcapítulo.

4.1.1 – Tendências em Portugal

De acordo com a exposição realizada ao longo do presente subcapítulo compreende-se que no Exército Português a formação do Atirador Explorador é orientada essencialmente segundo os seguintes módulos, armamento, viatura, técnica de especialidade, transmissões, topografia e treino físico.

³⁹ Consultar Apêndice F.

Tendo em conta isto, pode verificar-se que os módulos de armamento, viatura e transmissões organizam-se contribuindo para a proficiência técnica do Atirador Explorador. Na resposta à pergunta 3⁴⁰ da entrevista as características essenciais do Atirador Explorador apontadas são as seguintes: “Certificar-se que o seu equipamento e armamento individual está operacional”; “Conhecer o funcionamento do armamento do Pelotão”; “Operar os meios de transmissões da viatura”. Portanto é considerado essencial que a proficiência técnica destes militares esteja direcionada para operar e manter o armamento coletivo e individual, bem como o domínio técnico dos equipamentos do Pelotão onde estão inseridos.

Relativamente ao módulo de técnica de especialidade, este contribui diretamente para o desenvolvimento do desembarço tático do Atirador Explorador. Segundo a resposta à questão 3⁴¹ das entrevistas, este módulo contempla que todo o Atirador Explorador conheça a organização do seu Pelotão o empenho tático do mesmo. Além disso foram referidas todas as funções do Atirador Explorador enquanto elemento integrante de um Pelotão de Reconhecimento, as quais fazem parte integrante do Quadro n.2.

Quadro n.º 2 – Principais conceitos abordados na Técnica de Especialidade

Técnica de Especialidade
Aplicar as diferentes técnicas de movimento adaptadas ao terreno e inimigo
Reconhecimento de ponte
Reconhecimento de área
Reconhecimento de itinerário
Reconhecer um obstáculo
Reconhecer um declive
Reconhecer uma povoação
Entrar e sair de uma zona de reunião
Ocupar e retirar de uma posição de combate
Reconhecer uma área contaminada (NBQR)
Abertura expedita de brechas em obstáculos;
Progredir em áreas edificadas
Executar uma passagem de linha
Execução de rendição de unidades
Executar as ações ao contacto
Executar um ataque a um objetivo

Fonte: Elaboração Própria⁴²

⁴⁰ Consultar Apêndice K

⁴¹ Consultar Apêndice K

⁴² No seguimento do que foram as respostas às entrevistas, no Apêndice K.

Segundo a resposta à questão 3⁴³ da entrevista podemos considerar que o Atirador Explorador tem uma responsabilidade tática muito relevante nas operações e a sua formação contempla todos os aspetos anteriormente referidos. Tal facto é apoiado por Bravo (2007) uma vez que considera que estes militares devem ter uma tremenda iniciativa e flexibilidade no Campo de Batalha “podemos decidir que temos a iniciativa nos nossos genes, que nasce em cada soldado de cavalaria (...) que somos rápidos na nossa tomada de decisão e na realização da nossa manobra” (Bravo, 2017, p. 46).

Na Tabela n.º 6 está exposta a percentagem relativamente à importância atribuída por cada Unidade de Reconhecimento do Exército Português a cada um dos requisitos militares, proficiência técnica, desembarço tático e condição física na formação do Atirador Explorador.

Tabela n.º 6 – Tendências de formação do Atirador Explorador no Exército Português segundo os requisitos militares

Unidades / Requisitos	BrigMec		BrigInt		BrigRR	
	Horas	Percentagem da Formação	Horas	Percentagem da Formação	Horas	Percentagem da Formação
Condição Física	2 h	6,9%	3,3 h	9%	15 h	21,43%
Proficiência Técnica	23 h	79,3%	19,6 h	52%	32 h	45,71%
Desembarço Tático	4 h	13,8%	14,8 h	39%	23 h	32,86%
Total	29 h	100	37,7 h	100	70 h	100%

Fonte: Elaboração Própria

Relativamente ao desenvolvimento da condição física dos militares a percentagem de formação corresponde a valores entre o 6,9% e os 21,43%.

Na formação do Atirador Explorador no Exército Português é atribuída uma elevada importância à proficiência técnica, e após isso ao desembarço tático. O ERec que integra a BrigMec ocupa a maior parte do tempo de formação (79,3%) a desenvolver a proficiência técnica do Atirador Explorador enquanto o GRec da BrigInt e o ERec da BRR atribuem 52% e 45,71% respetivamente.

⁴³ Consultar Apêndice K.

Por outro lado, o ERec da BrigMec utiliza 13,8% do tempo de formação a desenvolver o desembarço tático do Atirador Explorador, o GRec da BrigInt e o ERec da BRR atribuí mais tempo de formação a esse requisito, 39% e 32,86% respetivamente.

4.2 – EUA

Nos EUA, os militares dos Pelotões de Reconhecimento são formados na especialidade 19-D, com o término da mesma possuem o título de Atirador Explorador (HDQA, 2012). Os pelotões constituídos por estes militares são os *Scout Platoon*, ou seja, Pelotões de Reconhecimento e estes têm como principal missão “conduzir operações de reconhecimento e de segurança” (HQDA, 2019, p.1-1). Estas operações têm como objetivo fornecer ao Comandante as informações que ele necessita de modo a contribuir para a sua tomada de decisão. Estes pelotões estão prontos a atuar em TO com uma elevada presença inimiga. Nos *Scout Platoon* são definidas como qualidades básicas dos militares a formação relativa aos fundamentos básicos dos movimentos táticos, navegação, a formação dos militares para executar operações montadas, bem como apeadas, as técnicas de movimento, a resposta ao contacto inimigo e a capacidade de lidar com ameaças NBQR. (HQDA, 2019).

Para garantir estas aprendizagens existe um documento altamente pormenorizado que se encontra organizado em módulos e indica uma formação realizada num total de 863 horas (HDQA, 2012). A formação realizada ao longo de 16 semanas integra 19 módulos como representado no Apêndice F que são abordados, tendo como objetivo “treinar o Exército ativo e em reserva para fazer as tarefas básicas do Atirador Explorador” (HDQA, 2012, p.1-1). A formação do Atirador Explorador no Exército Americano encontra-se explanada no Apêndice H e analisada na Tabela n.º 7.

Tabela n.º 7 – Formação do Atirador Explorador no Exército dos EUA perante os requisitos militares

Requisitos	Horas	Percentagem da Formação
Condição Física	60,4 h	7,28 %
Proficiência Técnica	339 h	40,85 %
Desembarço Tático	162,9 h	19,63 %
Exercícios	267,5 h	32,24 %
TOTAL	829,8 h	100,00 %

Fonte: Adaptado de (USArmy, 2012)

Relativamente à condição física do Atirador Explorador é desenvolvida durante a formação, com o concretizar de várias marchas, além do treino no âmbito do combate corpo a corpo⁴⁴.

O desembaraço tático compreende diversos módulos na apreciação acima representada: assuntos militares gerais e trabalho de equipa. O primeiro módulo confere ao Atirador Explorador a capacidade de compreender de que modo está enquadrado no Exército. O segundo fomenta o trabalho de equipa e a importância do mesmo para o sucesso das operações. O terceiro compreende aspetos importantes de legislação militar, empenhamento segundo as *Rules of Engagement*⁴⁵ (ROE). Além disso é ministrada uma formação relativamente às competências do Atirador Explorador, estando representadas no Quadro n.º 3.

Quadro n.º 3 – Competências do Atirador Explorador como elemento de um Pelotão de Reconhecimento do Exército dos EUA

Competências do Atirador Explorador como elemento de um Pelotão de Reconhecimento
Ajustar fogos indiretos
Patrulhas apeadas
Operações de segurança e de reconhecimento
Operações táticas em ambiente urbano
Recordar procedimentos de autenticação
Recordar o domínio de cartas topográficas
Patrulhamento de dia e de noite
Operações no ponto de captura
Atuar em diferentes ambientes
Operações de espionagem e subversão contra os EUA
Todo o soldado é um sensor
Operações de escolta
Operar aparelhos de visão noturna
Reconhecer veículos blindados e helicópteros
Estabelecer um ponto de observação
Manter e operar um sistema de vigilância
Conduzir operações de checkpoint

Fonte: Adaptado de (HQDA, 2019)

⁴⁴ Consultar Apêndice H.

⁴⁵ As ROE constituem-se como diretivas que delimitam as ações dos militares preocupando-se em definir o uso da força em cada circunstância (HQDA, 2015a).

FORMAÇÃO DO ATIRADOR EXPLORADOR

No seguimento que todo o soldado é considerado um sensor o Exército dos EUA, considera que deve ter as capacidades apresentadas no Quadro n.º 4.

Quadro n.º 4 – Competências do Atirador Explorador relativas á compreensão de informação dos EUA

Competências do Atirador Explorador para garantir a sua capacidade de compreender a informação
Relatórios para o Escalão Superior
Fazer operações de detenção num ponto de captura
Atuar em TO em constante mudança
Cada soldado é um sensor
Movimento em operações
Reconhecer veículos e meios inimigos

Fonte: Adaptado de (HQDA, 2019)

A formação do Atirador Explorador no Exército dos EUA compreende diferentes módulos que concorrem diretamente para a proficiência técnica do Atirador Explorador. Entre eles um módulo de armamento e outro de tiro tornando os militares capazes de operar e manter o armamento que têm disponíveis nos diversos pelotões, e lhes confere a capacidade de tirar o máximo partido do armamento. Para além destes, existe ainda um módulo de socorrismo, de defesa NBQR, de engenharia, transmissões, navegação, e especificidade dos veículos com os quais operam.

4.3 – Espanha

São considerados como qualidades essenciais do Atirador Explorador do Exército Espanhol, a autodisciplina nas decisões que toma quando está isolada, bem como a iniciativa. A flexibilidade e rapidez de decisão e adaptação a todas as situações. A capacidade de não ser detetado pelo inimigo. Resistência mental e física para continuar a perseguir o inimigo. Espírito de sacrifício e abnegação. E eficácia. (Ejército de Tierra, 2018).

A formação do Atirador Explorador no Exército Espanhol é realizada ao longo de um período de quatro semanas. A formação está explanada no Apêndice I.

De acordo com o que tem sido desenvolvido para o presente estudo de investigação, a tabela seguinte, conceptualiza a formação do Atirador Explorador de acordo com os requisitos, proficiência técnica, desembaraço tático e condição física. Sendo que a formação não prevê o desenvolvimento da condição física em horário.

FORMAÇÃO DO ATIRADOR EXPLORADOR

Tabela n.º 8 – Formação do Atirador Explorador no Exército da Espanha perante os requisitos militares

Requisitos	Horas	Percentagem da Formação
Proficiência Técnica	33,3	36%
Desembarço Tático	58,3	64%
TOTAL	91,6	100%

Fonte: Adaptado de (Ejército de Tierra, 2018)

O desembarço tático compreende as instruções relativas à técnica de secção, segundo este plano de instrução as capacidades táticas essenciais do Atirador Explorador estão explanadas no Quadro n.º 5. É atribuída 64% da formação do Atirador Explorador a desenvolver as suas capacidades táticas.

Quadro n.º 5 – Competências do Atirador Explorador como elemento de um Pelotão de Reconhecimento do Exército da Espanha

Habilidades do Atirador Explorador como elemento de um Pelotão de Reconhecimento
Estabelecer um posto de observação
Observar
Identificação de Meios
Reagir a uma emboscada
Conduzir operações de reconhecimento
Aquisição e designação de objetivos
Reconhecimento de uma ponte
Reconhecimento a vau
Reconhecer um obstáculo
Reconhecer zonas arborizadas
Localizar minas
Reconhecimento de IED
Movimento em zonas urbanizadas

Fonte: Adaptado de (Ejército de Tierra, 2018)

Para o requisito proficiência técnica foi tomado em conta todas as instruções que se integram em Viatura, Armamento e Tiro. De acordo com esta abordagem conseguimos compreender que na formação do Atirador Explorador é reservado 36% do tempo para explorar estes conceitos.

Tendo em conta esta apreciação compreendemos que a formação do Atirador Explorador no Exército Espanhol reserva a maior parte do tempo para a desenvolvimento do desembarço tático.

4.4 – Síntese Conclusiva

Ao longo do presente Capítulo compreendemos que apesar do modo de formação ser diferente em cada Unidade de Reconhecimento, há competências abordadas em todos os planos de estudos. A análise destes planos de estudos auxilia a resposta à PD2: *Aquando a integração das praças nos Pelotões de Reconhecimento de que modo o Atirador Explorador é formado no Exército Português?*

A formação do Atirador Explorador nas três Unidades de Reconhecimento do Exército Português é realizada de forma diferente, contudo compreendemos que é atribuída uma elevada importância à proficiência técnica do militar, essencialmente viatura e armamento. E na generalidade é dada menos relevância ao seu desembarço tático, ao desenvolvimento do domínio tático de especialidade. A formação do Atirador Explorador é realizada num período de tempo de 30 a 80 horas de formação, como foi possível analisar ao longo do presente subcapítulo.

Em crescendo o Capítulo 4 preocupa-se também em responder à PD3: *Como é realizada a formação do Atirador Explorador no Exército dos EUA e da Espanha?* Analisando os métodos de formação do Atirador Explorador nos Exércitos dos EUA e de Espanha. O Exército Americano dá uma elevada importância à proficiência técnica do Atirador Explorador, reservando menos tempo para o desenvolvimento do desembarço tático do mesmo. Contudo, o Exército dos EUA reserva grande parte do tempo de formação para exercícios que põem em prática, a condição física, a proficiência técnica e o desembarço tático do Atirador Explorador. Contudo, no Exército Espanhol é atribuída uma maior ênfase ao desembarço tático do Atirador Explorador.

A formação do Atirador Explorador no Exército Americano é de 863,50 horas, e no Exército Espanhol é de 91,6 horas.

Ao longo destes capítulos, compreendemos que a formação do Atirador Explorador é semelhante nas três Unidades de Reconhecimento do Exército Português, e assim sendo. Permitindo a possível criação de um Referencial de Curso para o Atirador Explorador que se adequasse unanimemente. Isso seria uma mais valia, segundo a resposta à questão 8⁴⁶ da entrevista, uma vez que “traria um sentimento de profissionalismo e pertença ao novos Atiradores Exploradores”.

⁴⁶ Consultar Apêndice K.

CONCLUSÕES

O presente trabalho de investigação revela a importância do Atirador Explorador para os Pelotões de Reconhecimento e a necessidade da criação de um Referencial de Curso para o Atirador Explorador. A uniformização da formação do Atirador Explorador é uma mais-valia para o Exército Português e uma necessidade reconhecida da Arma de Cavalaria. Tendo em conta a abordagem realizada vão ser apresentadas as principais conclusões.

O Atirador Explorador merece um lugar de destaque correspondente à responsabilidade das suas funções. Portanto, surge a PD1: *De que modo o desempenho do cargo do Atirador Explorador, incluindo a sua proficiência técnica e desembaraço tático influenciam as operações do Esquadrão?*

Ao longo do Capítulo 3 compreendeu-se a influência da competência do Atirador Explorador para o Pelotão de Reconhecimento e por consequência para o Esquadrão de Reconhecimento. A função do Atirador Explorador é complexa ao nível físico, técnico e tático.

A condição física é intrínseca a todo o militar, tendo em conta a complexidade das operações onde o Atirador Explorador está inserido, a sua destreza e condição física é, também, uma importante capacidade para o sucesso do Pelotão de Reconhecimento.

A proficiência técnica do Atirador Explorador é complexa, uma vez que os Pelotões de Reconhecimento possuem uma enorme diversidade de equipamentos, como foi apresentado.

Os Pelotões de Reconhecimento através das operações de Reconhecimento e Segurança apresentam-se como principais influenciadores na condução das missões do Esquadrão de Reconhecimento. O Atirador Explorador no desempenho das suas funções constitui-se como um importante recurso de informação e a sua competência é essencial para garantir o sucesso das operações do Pelotão, mas também para contribuir para o sucesso das Operações de Esquadrão. Por isso, é importante investir numa instrução de qualidade bem definida e estruturada através de um Referencial de Curso, como é prática no Exército Português. O Exército dos EUA e de Espanha apresentam um documento com a descrição pormenorizada relativamente à formação do Atirador Explorador, que é adaptada por cada tipo de Unidade de Reconhecimento.

A criação de um Referencial de Curso para o Atirador Explorador implica a definição clara das competências destes militares. O Atirador Explorador enquadra-se na formação

Tipo I da FGCPE. Deste modo o militar é formado na especialidade de Campanha – 01, após a qual efetua a FCg nas Unidades de Reconhecimento em que é colocado.

Deste entendimento surge a PD2: *Aquando a integração das praças nos Pelotões de Reconhecimento de que modo o Atirador Explorador é formado no Exército Português?*

A formação do Atirador Explorador no Exército Português é tendencialmente direcionada para o desenvolvimento da sua proficiência técnica que prevê o desenvolvimento das suas competências nos seguintes módulos: Armamento, Viatura e Transmissões. Este domínio tem uma importância inquestionável tendo em conta a diversidade de meios que integram os Pelotões de Reconhecimento. Mas o tempo reservado para a formação do desenvolvimento do desembarço táctico é abordado com menos ênfase no Exército Português, quando comparado com o Exército americano e espanhol, abordando genericamente os procedimentos nas Operações de Reconhecimento e de Segurança.

Nesta perspectiva surge a necessidade de procurar um entendimento das competências do Atirador Explorador no Exército Americano e Espanhol, surgindo assim a PD3: *Como é realizada a formação do Atirador Explorador no Exército dos EUA e da Espanha?*

A formação do Atirador Explorador nos EUA é realizada em 829,8 horas. Deste período de tempo, 19,63 % são reservados para desenvolver as capacidades tácticas dos militares, 40,2 % para desenvolver a proficiência técnica do Atirador Explorador e 7,28 % para desenvolver a condição física. É essencial explicar que os EUA utilizam 32,24 % de formação em exercícios que inevitavelmente melhoram os três requisitos referidos.

No que concerne ao desenvolvimento da proficiência técnica do Atirador Explorador no Exército dos EUA é atribuído um foco ao armamento, viatura, socorrismo e engenharia. Relativamente ao desenvolvimento do desembarço táctico do Atirador Explorador, o Exército dos EUA, direciona o foco, nos procedimentos dos militares nas Operações de Reconhecimento e Segurança, na sua atuação em ambiente urbano e ambiente NBQR. Em acréscimo também é desenvolvido o trabalho de equipa, o conhecimento relativamente à organização militar, reconhecimento de equipamento e armamento inimigo, e as ROE, bem como a capacidade de navegação terrestre do Atirador Explorador. No que concerne ao Atirador Explorador enquanto sensor, são exploradas a sua capacidade de enviar relatórios para o Escalão Superior, uma compreensão da versatilidade do Teatro de Operações e a sua própria consciencialização que se constitui como elemento essencial na condução de informações.

No caso do Exército Espanhol a formação do Atirador Explorador não prevê o desenvolvimento da sua condição física, e ocorre num período de 91,6 horas. Relativamente

à proficiência técnica do Atirador Explorador do Pelotão de Reconhecimento representa 36% da sua formação. Relativamente ao desenvolvimento do desembarço tático do Atirador Explorador este ocupa da formação. No desenvolvimento da proficiência técnica do Atirador Explorador é abordado o armamento, viatura e transmissões. Relativamente à evolução do desembarço tático do Atirador Explorador, que corresponde a 64% do tempo de formação são abordados os conhecimentos que garantem o domínio dos procedimentos das Operações de Reconhecimento e Segurança. Destaca-se a importância atribuída ao domínio de IED e minas. Além disso é muito relevante o desenvolvimento no sentido da execução de operações em ambiente urbano.

A compreensão da formação do Atirador Explorador permite entender de que modo o Exército dos EUA e da Espanha se estão a adaptar aos Teatros de Operações da atualidade. De acordo com a presente investigação desenvolvida até então, surge a PD4: *Tendo em conta a proficiência técnica, desembarço tático e condição física de que modo o Exército Português pode orientar a formação no desempenho do cargo do Atirador Explorador garantindo a sua eficácia?*

A formação do Atirador Explorador é conduzida no Exército Português durante um período de tempo inferior relativamente ao Exército dos EUA e de Espanha. A criação de um Referencial de Curso claro e pormenorizado que contemple a formação do Atirador Explorador é uma importante ferramenta para garantir uma uniformização da formação destes militares no Exército Português. Além é um sinal de qualidade de formação.

De acordo com o modelo de formação de praças do Exército Português é determinante para a Arma de Cavalaria um Referencial de Curso atualizado para o Atirador Explorador. Primeiramente porque se constitui como uma ferramenta de qualidade no que concerne à concretização de uma formação exigente. Seguidamente porque permitiria a uniformização do que é a formação do Atirador Explorador nas Unidades de Reconhecimento do Exército Português.

Tendo em conta o estudo realizado, a formação do Atirador Explorador deve contemplar diversos módulos que se constituem como essenciais para a sua eficácia na atualidade. Relativamente à proficiência técnica, a formação do Atirador Explorador deve visar armamento, transmissões, viatura (tal como já se verifica). Mas de modo a preencher as lacunas na formação deve ser inserido um módulo de socorrismo e um módulo de engenharia com o objetivo de conferir ao Atirador Explorador a capacidade de lidar com IED, minas e a capacidade de se equipar, bem como preparar a viatura, para atuar em ambiente NBQR.

Com o objetivo do desenvolvimento do seu desembarço tático é urgente atualizar a formação do Atirador Explorador em determinados aspetos. A formação de técnica de especialidade que visa o conhecimento das Operações de Reconhecimento e Segurança deve ser mantida, com ênfase relativamente à atuação em ambiente urbano e em ambiente NBQR. A capacidade de navegação terrestre, apeada ou montada, é relevante e só é conseguida se acompanhada pelo domínio da cartografia militar e dos meios GPS. A criação de um módulo relativamente a organização militar, que contemple o trabalho de equipa, as possibilidades da unidade de reconhecimento onde o Atirador Explorador está inserido, a sua capacidade de reconhecer equipamento e viaturas inimigas e um esclarecimento sobre as ROE. Nesse seguimento a construção de um módulo que se refere ao Atirador Explorador enquanto sensor, onde são abordados os relatórios para o Escalão Superior, cada elemento enquanto sensor de informação e a própria consciencialização do Atirador Explorador no que respeita à importância do desempenho das suas funções para o Esquadrão onde está inserido.

A condição física do Atirador Explorador é de inquestionável importância, tendo em conta que o seu empenhamento em Teatro de Operações implica a sua capacidade de operar montado ou apeado, de desenvolver os procedimentos com eficácia e rapidez. Concorre para a garantia de que uma boa condição física capacita os militares a estarem mais aptos para a missão, nomeadamente para a manifestação da proficiência técnica e desembarço tático.

O presente trabalho de investigação ao longo do seu desenvolvimento procura a resposta à PP: “De que modo a formação do Atirador Explorador responde às necessidades dos Teatros de Operações do século XXI?”

A formação do Atirador Explorador no Exército Português carece de uma atualização para que o mesmo esteja pronto para lidar com a complexidade que lhe é apresentada nos Teatros de Operações. A diversidade de meios dos Pelotões de Reconhecimento, explanados ao longo do trabalho têm de promover uma adaptação da formação do Atirador Explorador ao ambiente operacional atual.

Assim sendo, de acordo com o presente estudo, a formação do Atirador Explorador deve ser um processo que se desenrola num período de tempo no mínimo de um mês, cerca de 200 horas de instrução, à semelhança do que acontece com as praças da Polícia do Exército. Este modelo pode ser uma boa referência temporal, uma vez que já está implementado no Exército Português.

De acordo com todo o trabalho de investigação surge a proposta de criação do Referencial de Curso que vise os seguintes módulos: armamento; viatura; socorrismo;

engenharia; transmissões; navegação; organização militar; técnica de especialidade e treino físico.

A condição física do Atirador Explorador deve ir de encontro a um leque variado de treino físico, como as marchas, treino físico de base, e desportos coletivos, uma vez que fomentam o trabalho de equipa. Além disso é importante introduzir uma disciplina de combate corpo a corpo. O desenvolvimento da condição física do Atirador Explorador deve compreender 15% cerca de 30 horas da sua formação, de acordo com a formação do Atirador Explorador no Exército Americano tendo em conta a comparação percentual.

Relativamente à proficiência técnica e de acordo com a análise dos Exércitos estudados deve compreender cerca de 45 %, cerca de 90 horas da formação do Atirador Explorador contendo os seguintes módulos:

- Armamento visa garantir que o Atirador Explorador tem o completo domínio do equipamento do Pelotão onde está inserido;
- Viatura garante o pleno conhecimento técnico e tático das viaturas que organicamente constituem o seu Pelotão de Reconhecimento;
- Socorrismo encontra-se presente na formação do Exército dos EUA e da Espanha, refletindo assim a sua importância para a formação do Atirador Explorador;
- Transmissões prescreve a capacidade de o Atirador Explorador usar os meios de transmissões disponíveis no Pelotão;
- Engenharia garante o domínio de minas, IED e equipamento NBQR;
- Navegação terrestre é imprescindível tendo em conta o tipo de Operações de Reconhecimento e Segurança, como sugerido pela importância atribuída na formação do Exército dos EUA e Espanha.

Relativamente ao desembarço tático do Atirador Explorador deve ser abordado em 40 %, cerca de 80 horas do tempo de formação à semelhança do que analisado no Exército dos EUA e devem ser abordados os seguintes módulos:

- Organização militar é uma importante atualização, tendo em conta que fornece o conhecimento relativamente ao meio operacional do Atirador Explorador para que o próprio esteja consciente da importância da sua competência no desempenho do cargo, aspeto referido como imprescindível na análise documental efetuada;
- Técnica de especialidade carece de uma inovação no que corresponde à atuação em ambiente urbano e em condições NBQR;

- Módulo que fomente o trabalho de equipa, como verificado na formação do Atirador Explorador nos EUA, que se representa como imprescindível para desenvolver a cooperação durante as operações.

Tendo em conta a abordagem realizada ao longo do presente trabalho, a formação do Atirador Explorador no Exército Português merece uma atualização. A criação de um Referencial de Curso, comum para as Unidades de Reconhecimento, constitui a possibilidade de atualizar a formação e ainda uniformizar.

Limitações à investigação

As principais limitações à elaboração deste trabalho foram a diversidade de planos de estudos existentes para concretizar a formação do Atirador Explorador. Além disso o período de confinamento, devido ao atual estado de pandemia resultado do vírus Covid-19, impossibilitou a realização de trabalho de campo nas Unidades de Reconhecimento do Exército Português. Teria sido uma mais-valia para o desenvolvimento do presente trabalho pois permitiria o estreito contacto com o Atirador Explorador e o funcionamento operacional da própria unidade.

A obtenção de informação do Exército Espanhol foi uma dificuldade, uma vez que não se encontram disponíveis via online os documentos necessários para a construção do presente trabalho. Assim sendo, após um esforço de vários elementos foi conseguido o contacto com um Oficial Espanhol que colaborou com disponibilidade para a realização do Trabalho de Investigação Aplicada.

Investigações futuras

O presente trabalho de investigação representa um primeiro passo no âmbito do que é a formação do Atirador Explorador, militar imprescindível à concretização das Operações de Reconhecimento e Segurança.

Em futuras investigações seria importante o continuar da investigação no sentido de definir o perfil profissional, perfil de formação e perfil de avaliação do Atirador Explorador, com o objetivo de construir um Referencial de Curso. A criação do mesmo refletia-se num sentimento de pertença e profissionalismo destes militares. Constituiria uma valorização importante do Atirador Explorador, potenciando uma motivação acrescida a estes militares no desempenho das suas funções.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Albuquerque, A. L. (2010). *Os Esquadrões de Reconhecimento em Missões de Reconhecimento da NATO Response e dos Battlegroups*. Trabalho de investigação aplicada, Mestrado em Ciências Militares na especialidade de Cavalaria, Academia Militar, Lisboa.
- Álvarez, M. Á. (2018). Consideraciones sobre la Modernización VRCC Centauro. *Memorial de Caballería*, 2(86), 44-49. Obtido em 5 de fevereiro de 2020, de <https://publicaciones.defensa.gob.es/memorial-de-caballeria-86-revistas-pdf.html>
- Bravo, F. P. (2017). La Nueva Sección de Exploración y Vigilancia a Galope Tendido. *Memorial del Caballeria*, 2(84), 45-49. Obtido em 5 de fevereiro de 2020, de <https://publicaciones.defensa.gob.es/memorial-de-caballer-a-revistas-pdf-19579.html>
- Brigada de Intervenção. (2017). Curso Atirador Explorador. Braga.
- Cherepanova, E. (2017). Missed Opportunities: How Stryker Brigade Combat Teams are Misusing Organic Signals Intelligence, Electronic-Warfare Capabilities. *Armor*, CXXVIII (3), 28-30. Obtido em 15 de fevereiro de 2020, de https://www.benning.army.mil/Armor/eARMOR/content/issues/2017/Fall/ARMOR_Fall_2017_edition.pdf
- Direção de Formação [DF]. (2017). *Glossário de Termos de Formação no Exército*. Évora.
- Ejército de Tierra. (2013). *MI4-208 Equipo/Pelotón de Exploradores*. Granada.
- Ejército de Tierra. (2018). *MI-205 Explorador de Caballería*. Granada.
- Escola Prática de Cavalaria [EPC]. (2007). Referencial de Curso do Atirador Explorador M113. Abrantes.
- Escola Prática de Cavalaria [EPC]. (2008). *DP Nº 8-32-11 Chefe de Viatura de Auto Blindado VBR Pandur II 8X8 Transporte Pessoal C/Reparo P/MP Browning 12,7 mm*. Abrantes.
- Estado Maior do Exército [EME]. (2007). *Modelo de Serviço Militar - Categoria de Praças*. Lisboa.
- Estado Maior do Exército [EME]. (2010). *PDE 2-09-00 Estudo do Espaço de Batalha pelas Informações*. Lisboa.
- Estado Maior do Exército [EME]. (2012). *PDE 3-00 Operações*. Lisboa.
- Estado Maior do Exército [EME]. (2014a). *Manual Didático (MD) 240-01 Qualidade de Formação do Sistema de Formação do Exército (SFE)*. Lisboa.

- Estado Maior do Exército [EME]. (2014b). *Manual Didático 240-02 - Certificação de Formação*. Lisboa.
- Estado Maior do Exército [EME]. (2014c). *Quadro Orgânico 09.02.07 Esquadrão de Reconhecimento Santa Margarida*. Lisboa.
- Estado Maior do Exército [EME]. (2014d). *Quadro Orgânico 09.03.05 Grupo de Reconhecimento (GRec) Braga*. Lisboa.
- Estado Maior do Exército [EME]. (2014e). *Quadro Orgânico 09.04.05 Esquadrão de Reconhecimento (ERec) Estremoz*. Lisboa.
- Estado Maior do Exército [EME]. (2015a). *Manual Didático 240-03 - Modelo de Referencial de Curso*. Lisboa.
- Estado Maior do Exército [EME]. (2015b). *PDE 3-01-00 Tática das Operações de Combate Volume I*. Lisboa.
- Estado Maior do Exército [EME]. (2016). *PDE 3-01-00 - Tática das Operações de Combate - Volume II - Tarefas complementares e outras tarefas*. Lisboa.
- Estado Maior do Exército [EME]. (2017). *Referencial de Curso Polícia do Exército Praças*. Lisboa.
- Fonseca, P. P. (2019). *Os maiores sobressaltos em Portugal*. Oficina do Livro.
- Fortin, M.-F. (1999). *O Processo de Investigação: Da conceção à realização*. Loures: Lusociência.
- Freire, M. (2012a). Condição física: Reflexões de um comandante do GCC - II. *Revista da Cavalaria*, 3(27), 33-38. Obtido em 27 de fevereiro de 2020, de https://irp-cdn.multiscreensite.com/80f62bd2/files/uploaded/00RevCav_28_DEZ2012.pdf.
- Freire, M. (2012b). Proficiência técnica: Reflexões de um Comandante do GCC-III. *Revista da Cavalaria*, 3(28), 40-46. Obtido em 27 de fevereiro de 2020, de https://irp-cdn.multiscreensite.com/80f62bd2/files/uploaded/00RevCav_28_DEZ2012.pdf.
- Freire, M. (2013). Desembarço Tático: Reflexões de um Comandante do GCC-IV. *Revista da Cavalaria*, 3(29), 46-71. Obtido em 28 de fevereiro de 2020, de https://irp-cdn.multiscreensite.com/80f62bd2/files/uploaded/00RevCav_29_ABR2013.pdf.
- Headquarters Department of Army [HQDA]. (2016). ATP 3-20.97 Cavalry Troop.
- Headquarters department of the Army [HQDA]. (1993). *TM 55-2350-224-14 M113 Family of vehicles*. Washington DC.
- Headquarters Department of the Army [HQDA]. (2008). *FM 33-22.37*. Washington DC.
- Headquarters Department of the army [HQDA]. (2015a). *FM 3-98 Reconnaissance and Security*. Washington DC.

- Headquarters Department of the army [HQDA]. (2015b). *FM 6-22 Leader development*. Washington DC.
- Headquarters Department of the Army [HQDA]. (2019). *ATP 3-20.98 Scout Platoon*. Washington DC.
- Headquarters Department of the Army [HQDA]. (2017). *TC 3-22.240 Medium Machine Gun*. Washington DC.
- Hernández, S. M. (2018). La sección caballería: Homogéneo o heterogéneo? Cuatro o Cinco Vehículos. *Memorial de Caballería*, 2(86) 41-44. Obtido em 5 de fevereiro de 2020, de <https://publicaciones.defensa.gob.es/memorial-de-caballeria-86-revistas-pdf.html>.
- Jefatura de Adiestramiento y Doctrina de Caballería [JADCAB]. (2019). Diseño de una Sección de Caballería. *Memorial de Caballería*, 2(88), 47-50. Obtido em 5 de fevereiro de 2020, de <https://publicaciones.defensa.gob.es/memorial-de-caballeria-88-revistas-pdf.html>.
- LaFleur, J. J. (2018). Reconnaissance and Surveillance Leader's Course Enables Scout Squads' Success. *Armor*, CXXXI(3), 20-24. Obtido em 18 de março de 2020, de https://www.benning.army.mil/Armor/eARMOR/content/issues/2018/Fall/Fall2018_ARMOR_magazine.pdf.
- Lesperance, D. (2018). Importance of Scout Squad. *Armor*, CXXXI(3), 2. Obtido em 14 de março de 2020, de https://www.benning.army.mil/Armor/eARMOR/content/issues/2018/Fall/Fall2018_ARMOR_magazine.pdf.
- Lousã, M. D., Santos, J. D., & Cabral, A. P. (2018). *Como fazer trabalhos académicos*. Porto: Porto Editora.
- McGrath, J. J. (2006). *Scouts Out! The development of Reconnaissance Units in Modern Armies*. Fort Leavenworth, Kansas: US Army Combined Arms Center.
- Ministério da Defesa Nacional [MDN], (s.d). Plano de Nivelamento . [s.l].
- Miravalles, D. A. (2018). La Enseñanza de Táctica de Caballería in la Escala de Suboficiales. *Memorial de Caballería*, 2(86), 65-71. Obtido em 6 de fevereiro de 2020, de <https://publicaciones.defensa.gob.es/memorial-de-caballeria-86-revistas-pdf.html>.
- Muñoz, R. M. (2019). BMS en un Grupo de Caballería Ligeiro Acorazado. *Memorial de Caballería*, 2(88), 50-52. Obtido em 13 de abril de 2020, de <https://publicaciones.defensa.gob.es/memorial-de-caballeria-88-revistas-pdf.html>.

- North Atlantic Treaty Organisation [NATO]. (2014). *MC 0458/3, NATO Education, Training, Exercises and Evaluation Policy*. NATO Headquarters.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Paris: Gravida.
- Rosa, A. J. (2014). *A Evolução da Formação em Contexto de Trabalho no Exército Português*. Dissertação de mestrado em Universidade de Évora, Évora.
- Santos, L.A.B., & Lima, J.M.M. (Coord.) (2019). *Orientações metodológicas para a elaboração de trabalhos de investigação* (2.^a ed., revista e atualizada). Cadernos do IUM, 8. Lisboa: Instituto Universitário Militar.
- Schmid, J. D. (2018). Brigade Deep Battle 2.0: Light-Cavalry Solution to Operationalizing Deliberate Unmanned Aerial Vehicle/Fires Teaming in Support of Brigade Deep Fight. *Armor*, CXXXI(2), 16-20. Obtido em 15 de março de 2020, de https://mcoepublic.blob.core.usgovcloudapi.net/earmor/2018/summer/ARMOR_Summer_2018_edition.pdf.
- Silva, A. F. (2007). *Manual do Formando "Concepção de Formação em Contexto Real de Trabalho com Recurso a Ferramentas Avançadas"*. Lisboa.
- Silva, K. d. (2008). *A prática da mentoria no desenvolvimento de pessoas nas organizações*. Tese de dissertação Escola Brasileira de Administração, Rio de Janeiro.
- Taylor, C. (2018). It's Time for Cavalry to Get Serious about Cyber Reconnaissance. *Armor*, CXXXI(3), 5-12. Obtido em 14 de fevereiro de 2020, de https://www.benning.army.mil/Armor/eARMOR/content/issues/2018/Fall/Fall2018_ARMOR_magazine.pdf.
- Teodora, A. C. (2019). *A Americanização do Exército Português na Década de 50: Uma Prestectiva Histórica*. Tese de douturamento em Universidade de Évora, Évora.
- USArmy. (2001). *Bradley Fighting Vehicle M2/M3 A3*. [s.l].
- USArmy. (2012). *Program of Instruction - Cavalry Scout*. [s.l].
- USArmy. (2012). *Wepon Systems*. [s.l].
- USArmy. (2013). *Wepon Systes*. [s.l].
- White, R. (2017). Enabling Mission Command through Cavalry Squadron Operations. *Armor*, CXXVIII(3), 38-41. Obtido em 14 de março de 2020, de https://www.benning.army.mil/Armor/eARMOR/content/issues/2017/Fall/ARMOR_Fall_2017_edition.pdf.
- Zang, P. M. (2018 de 2018). Observations from Army Reconnaissance Course. *Armor*, CXXXI(3), 26-33. Obtido em 14 de fevereiro de 2020, de

https://www.benning.army.mil/Armor/eARMOR/content/issues/2018/Fall/Fall2018_ARMOR_magazine.pdf.

APÊNDICES

APÊNDICE A – CONSTITUIÇÃO ORGÂNICA DO PELOTÃO DE RECONHECIMENTO DO ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA MECANIZADA

Tabela n.º 9 – Constituição Orgânica do Pelotão de Reconhecimento do Esquadrão de Reconhecimento da Brigada Mecanizada

	Cargo	Oficiais	Sargentos	Praças	QE / AF / Esp / Cat ⁴⁷
Secção de Comando	Comandante	1			CAV / AF05-C
	Apontador de metralhadora			1	Esp01-Camp
	Condutor de Viatura Família M113			1	Esp15-CondVMP
Secção de Exploração	Comandante		1		CAV
	Comandante de Esquadra		1		CAV / AF05-C
	Chefe de Viatura		2		CAV / AF05-C
	Apontador Sistema Lança Míssil ACar			2	Esp01-Camp
	Apontador de Metralhadora			2	Esp01-Camp
	Municiador do Sistema Lança Míssil ACar			2	Esp01-Camp
	Atirador Explorador / Granadeiro			2	Esp01-Camp
	Condutor de Viatura Família M113			4	Esp15-CondVMP
Secção de Atiradores	Comandante		1		CAV
	Comandante de Esquadra			1	Esp01-Camp
	Apontador de Metralhadora Pesada			2	Esp01-Camp
	Atirador Explorador / Metralhadora Média			1	Esp01-Camp
	Atirador Explorador / Especial			1	Esp01-Camp
	Atirador Explorador / Granadeiro			2	Esp01-Camp
	Atirador Explorador / Metralhadora Ligeira			1	Esp01-Camp
	Atirador Explorador / Municiador Metralhadora Média			1	Esp01-Camp
	Condutor de Viatura Família M113			1	Esp15-CondVMP
Secção de Carros de Combate	Comandante		1		CAV
	Chefe de Carro de Combate		1		CAV / AF05C
	Apontador de Carro de Combate			2	Esp01-Camp
	Condutor de Carro de Combate			2	Esp15-CondVMP
	Municiador de Carro de Combate			2	Esp01-Camp

Fonte: Adaptado de (EME, 2014c)

⁴⁷ QE / AF / Esp / Cat (Quadro Especial / Área Funcional / Especialidade / Categoria)

APÊNDICE B – CONSTITUIÇÃO ORGÂNICA DO PELOTÃO DE RECONHECIMENTO DO ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DO GRUPO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA DE INTREVENÇÃO

Tabela n.º 10 – Constituição Orgânica do Pelotão de Reconhecimento do Esquadrão de Reconhecimento da Brigada de Intervenção

	Cargo	Oficiais	Sargentos	Praças	QE / AF / Esp / Cat ⁴⁸
Secção de Comando	Comandante	1			CAV / AF05-C
	Sargento de Pelotão		1	1	CAV
	Apontador de Metralhadora			1	Esp01-Camp
	Atirador Explorador			1	Esp01-Camp
	Condutor de Viatura VBR			1	Esp15-CondVMP
Secção de Exploração	Comandante		1		CAV
	Comandante de Esquadra		1		CAV / AF05-C
	Chefe de Viatura		2		Esp01-Camp
	Apontador de Metralhadora			2	Esp01-Camp
	Atirador Explorador			10	Esp01-Camp
	Condutor de Viatura VBR			2	Esp15-CondVMP
Secção Canhão	Comandante		1		CAV
	Chefe de VBR Canhão		1	1	Esp01-Camp
	Apontador Canhão			2	Esp01-Camp
	Atirador Explorador			2	Esp01-Camp
	Condutor de Viatura VBR			2	Esp15-CondVMP

Fonte: Adaptado de (EME, 2014d)

⁴⁸ QE / AF / Esp / Cat (Quadro Especial / Área Funcional / Especialidade / Categoria)

APÊNDICE C – CONSTITUIÇÃO ORGÂNICA DO PELOTÃO DE RECONHECIMENTO DO ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA DE REAÇÃO RÁPIDA

Tabela n.º 11 – Constituição Orgânica do Pelotão de Reconhecimento da Brigada de Reação Rápida

	Cargo	Oficiais	Sargentos	Praças	QE / AF / Esp / Cat ⁴⁹
Seção de Comando	Comandante	1			CAV / AF05-C
	Sargento de Pelotão		1		CAV
	Atirador			1	Esp01-Camp
	Apontador de Metralhadora			1	Esp01-Camp
	Condutor de Viatura Família M113			2	Esp14-CondVML
1ª Seção de Exploração	Comandante		1		CAV / AF05-C
	Comandante de Esquadra		3		CAV / AF05-C
	Apontador Sistema Lança Míssil ACar			2	Esp01-Camp
	Apontador de Metralhadora			1	Esp01-Camp
	Atirador			1	Esp01-Camp
	Condutor de Viatura Ligeira			4	Esp14-CondVML
2ª Seção de Exploração	Comandante		1		CAV / AF05-C
	Comandante de Esquadra		3		CAV / AF05-C
	Apontador Sistema Lança Míssil ACar			2	Esp01-Camp
	Apontador de Metralhadora			1	Esp01-Camp
	Atirador			1	Esp01-Camp
	Condutor de Viatura Ligeira			4	Esp14-CondVML

Fonte: Adaptado de (EME, 2014e)

⁴⁹ QE / AF / Esp / Cat (Quadro Especial / Área Funcional / Especialidade / Categoria)

**APÊNDICE D – PLANO DE ESTUDOS DO ATIRADOR
EXPLORADOR DO ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA
BRIGADA MECANIZADA**

Tabela n.º 12 – Plano de Estudos Atirador Explorador do Esquadrão de Reconhecimento da Brigada Mecanizada

MÓDULOS	SUB-MÓDULOS	DURAÇÃO (diurna)	TOTAL
A – ARMAMENTO	A1 – Identificar, operar e manter a ML HK-21 7,62mm M/968	4	13
	A2 – Identificar, operar e manter a MP Browning 12,7mm M2HB	7	
	A3 – Identificar, operar e manter o LG 40mm M/79	2	
B – VBTP M113	B1 – Caracterizar e utilizar os compartimentos de transporte e de combate da VBTP M113	5	10
	B2 – Identificar, operar e manter os Sistemas de Intercomunicação e Transmissão da VBTP M113	5	
C – TÉCNICA DA ESPECIALIDADE	C1 – Atuar como elemento de uma Esquadra de Atiradores	4	4
D – EFM		2	2
E – AVALIAÇÃO		3	3
F – DCMD		2	2

Fonte: Adaptado de (EPC, 2007)

**APÊNDICE E – PLANO DE ESTUDOS DO ATIRADOR
EXPLORADOR DO ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DO
GRUPO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA DE
INTERVENÇÃO**

Tabela n.º 13 – Plano de Estudos do Atirador Explorador do Esquadrão de Reconhecimento do Grupo de Reconhecimento da Brigada de Intervenção

Dia	SUB-MÓDULOS (Títulos)
1	<p>Organização Militar; Descrição do Inimigo Genérico, capacidade, meios e equipamentos; Caracterizar viaturas e equipamentos militares; Caracterizar a viatura e utilizar o compartimento de transporte; Alfabeto Fonético. Expressões de Serviço; transmitir uma mensagem. TIC - Camuflagem individual; Proteger-se dos fogos; Identificar, operar e manter o E/R 425. Converter frequências em canais e vice-versa. Identificar, operar e manter o E/R 525. Estabelecer uma linha ponto-a-ponto. Fazer emendas e terminais.;</p>
2	<p>Camuflagem de instalações, viaturas e equipamentos; Identificar, operar e manter a ML HK-21; Identificar, operar e manter o Lança-granadas HK79; Identificar, operar e manter a ML. FN Mag 7,62mm; Descrição genérica e categorização de granadas de mão, minas e outros engenhos explosivos; Tirar coordenadas. Azimutes e distâncias. Codificação de coordenadas. Navegação (Técnicas);</p>
3	<p>Identificar, operar, manter e instalar na viatura a MP. Browning .50; Atuar como elemento de uma Secção de Atiradores; MarCor 3; Atuar como elemento de uma Secção de Atiradores;</p>
4	<p>GAM 1; Identificar, operar e manter o telefone de campanha P/BLC 101; Construir uma antena improvisada; Atuar como elemento de uma Secção de Atiradores; Descrição do Inimigo Genérico, sua capacidade, meios e equipamentos. Organização Militar. Atuar como elemento de uma Secção de Atiradores. Camuflagem individual. Camuflagem de instalações, viaturas e equipamentos. Caracterizar viaturas e equipamentos militares.;</p>
5	<p>Avaliação; DCMD;</p>

Fonte: Adaptado de (Brigada de Intervenção, 2017)

**APÊNDICE F – PLANO DE ESTUDOS DO ATIRADOR
EXPLORADOR DO ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA
BRIGADA DE REAÇÃO RÁPIDA**

Tabela n.º 14 – Plano de Estudos do Atirador Explorador do Esquadrão de Reconhecimento da Brigada de Reação Rápida

Módulos	Sub-módulos	Duração(horas)		Total
		Dia	Noite	
A – ARMAMENTO	A1 – Identificar, desmontar e montar Esp. Aut. Galil 5.56mm	2		13
	A2 – Identificar, desmontar e montar ML Browning .30 7.62mm	4		
	A3 – Identificar, desmontar e montar MP Browning .50 12.7mm M2HB	5		
	A4 – Identificar, operar e montar o LG 40mm M/79	2		
B – VBL M11 PANHARD	B1 – Enumerar as características gerais e possibilidades VBL M11	1		5
	B2 – Identificar os compartimentos e equipamentos no exterior e interior da VBL M11	1		
	B3 – Identificar a palamenta da VBL M11	1		
	B4 – Recuperar a VBL M11	2		
C – PELOÕES DE RECONHECIMENTO	C1 – Identificar a organização da BrigRR e do AgrISTAR		4	33
	C2 – Identificar a organização do ERec /AgrISTAR e dos PelRec		4	
	C3 – Caracterizar sucintamente as Operações de Reconhecimento	5		
	C4 – Enunciar as tarefas e responsabilidades de um atirador no PelRec	2		
	C5 – Efetuar Operações de Reconhecimento	8	3	
	C6 – Estabelecer Área de Atribuição de Missão	7		
D – TRANSMISSÕES	D1 – Comunicar usando procedimentos radiotelefónicos	2		11
	D2 – Instalar, manter e operar o equipamento rádio TR -525	4		
	D3 – Instalar, manter e operar o P/BLC – 101	3		
	D4 – Operar e manter o sistema de intercomunicações e o equipamento rádio existente na VBL M11	2		
E - TOPOGRAFIA	E1 – Identificar na carta acidentes naturais e artificiais do terreno	1		10
	E2 – Orientar uma carta topográfica	1		
	E3 – Executar percurso topográfico com carta e bússola (Diurno e Noturno)	4	4	

Fonte: Adaptado de (MDN, (s.d))

FORMAÇÃO DO ATIRADOR EXPLORADOR

Tabela n.º 14 – Plano de Estudos do Atirador Explorador do Esquadrão de Reconhecimento da Brigada de Reação Rápida (Continuação)

Módulos	Sub-módulos	Duração(horas)		Total
		Dia	Noite	
F – SOCORRISMO	F1 – Executar técnicas de reanimação e prestar os 1 ^{os} socorros a uma vítima ferida	3		3
G – EFM	EFM 1 – Corrida contínua	4		15
	EFM 2 – Treino em Circuito	4		
	EFM 3 – Cross de Botas	2		
	EFM 4 – Marcor	2		
	EFM 5 – GAM 1	3		
	EFM 6 – Jogos Coletivos			
H – AVALIAÇÃO	CAV 1 – Circuito de Avaliação 1	5		10
	CAV 2 – Circuito de Avaliação	5		
I - DCMD	À disposição do Comando	2		2

Fonte: Adaptado de (MDN, (s.d))

APÊNDICE G – ESTRUTURA MODULAR DA FORMAÇÃO DO ATIRADOR EXPLORADOR NO EXÉRCITO AMERICANO

Tabela n.º 15 – Estrutura do Plano de Estudos do Atirador Explorador dos EUA

Module	Title	Hours
<i>Module-A</i>	<i>Administrative</i>	0,2
<i>Module-B</i>	<i>General Military Subjects</i>	16,6
<i>Module-C</i>	<i>Physical Readiness Training</i>	41,6
<i>Module-D</i>	<i>Team Development</i>	16,7
<i>Module-E</i>	<i>BRM and ARM</i>	114,3
<i>Module-F</i>	<i>Combative</i>	18,8
<i>Module-G</i>	<i>Weapons</i>	73,3
<i>Module-H</i>	<i>Drill and Ceremonies</i>	17,7
<i>Module-I</i>	<i>First Aid and Combat Lifesaver Certification (CLS)</i>	26,6
<i>Module-J</i>	<i>CBRN Defense</i>	9,2
<i>Module-K</i>	<i>Field Training Exercise</i>	267,5
<i>Module-L</i>	<i>Engineer</i>	10,0
<i>Module-M</i>	<i>Mandatory Training</i>	36,0
<i>Module-N</i>	<i>Military Communications</i>	10,8
<i>Module-O</i>	<i>Land Navigation</i>	35,5
<i>Module-P</i>	<i>Scout Skills</i>	54,2
<i>Module-Q</i>	<i>Intelligence</i>	39,2
<i>Module-R</i>	<i>Vehicle Specific</i>	59,3
<i>Module-S</i>	<i>Examination</i>	16,0
	TOTAL	863,5

Fonte: Adaptado de (USArmy, 2012)

APÊNDICE H – PRINCIPAIS CONCEITOS ABORDADOS NA FORMAÇÃO DO ATIRADOR EXPLORADOR NO EXÉRCITO AMERICANO

Tabela n.º 16 – Principais conceitos abordados em cada Módulo na Formação de Especialidade do Atirador Explorador no Exército Americano e correspondência aos requisitos

Módulos	Principais conceitos abordados	Requisitos
Módulo A	Importância do trabalho de equipa Instrução de condições climatéricas adversas	Desembarço Tático
Módulo B	Resolução de problemas Tipos de fardamento, e instrução de fardar com rigor Colocar unidade pronta para revista	Desembarço Tático
Módulo C	Marcha de 4, 8, 12 e 16 quilómetros	Condição Física
Módulo D	Atividades que fomentam o trabalho de equipa;	Desembarço Tático
Módulo E	Potencialidades e fragilidades do armamento Tiro	Proficiência Técnica
Módulo F	Técnicas de combate corpo a corpo	Condição Física
Módulo G	Atuar de acordo com as ROE Manusear uma granada; Montar e desmontar armamento; Limpeza de armamento Manusear armamento	Proficiência Técnica
Módulo H	Cerimónias	
Módulo I	Verificar as lesões e condições que requerem primeiros socorros imediatos; Assegurar a missão independentemente das lesões. Minimizar o risco de lesões e baixas durante a missão Controlar hemorragias Tratar queimaduras Prevenir o estado de choque Como proceder em caso de o militar estar inconsciente ou com dificuldade em respirar Procedimentos de uma evacuação médica Abrir ou desimpedir um via de respiração Identificar e garantir os primeiros socorros a uma perna ou braço partido	Proficiência Técnica
Módulo J	Procedimentos para vestir e manter o equipamento de proteção, química, biológica, radiológica e nuclear. Reagir a um ataque de ameaça NBQR Administrar o antídoto neurológico	Proficiência Técnica

Fonte: Adaptado de (USArmy, 2012)

FORMAÇÃO DO ATIRADOR EXPLORADOR

Tabela n.º 16 – Principais conceitos abordados em cada Módulo na Formação de Especialidade do Atirador Explorador no Exército Americano e correspondência aos requisitos (Continuação)

Módulos	Principais conceitos abordados	Requisitos
Módulo K	Operar num ambiente de combate Participar como membro de um Pelotão num exercício de companhia FTX	
Módulo L	Procedimentos a adotar perante um IED ou UXO	Proficiência Técnica
Módulo M	Código de Conduta Identificar problemas de soldados ou civis isolados ou juntos Tomada de decisão individual ou em equipa, dentro ou fora de serviço. Legislação Militar Legislação em contexto de guerra Interação com a comunicação social Cultura e prontidão espiritual Prevenir e responder a ataques sexuais Organização financeira Valores do Exército	Desembarço Tático
Módulo N	Transmissões Operar os rádios Procedimentos de transmissão ao rádio	Proficiência Técnica
Módulo O	Utilizar os sistemas de orientação Orientação com carta de 1:500000 Orientação por azimute	Proficiência Técnica
Módulo P	Ajustar fogo indireto Patrulhas apeadas Operações de segurança e de reconhecimento Operações táticas em ambiente urbano Recordar procedimentos de autenticação Recordar habilidade de mapas Patrulhamento de dia e de noite Operações no ponto de captura Atuar em diferentes ambientes Operações de espionagem e subversão contra os EUA Todo o soldado é um sensor Operações de escolta Operar aparelhos de visão noturna Reconhecer veículos blindados e helicópteros Estabelecer um ponto de observação Manter e operar um sistema de vigilância Conduzir operações de checkpoint	Desembarço Tático

Fonte: Adaptado de (USArmy, 2012)

FORMAÇÃO DO ATIRADOR EXPLORADOR

Tabela n.º 16 – Principais conceitos abordados em cada Módulo na Formação de Especialidade do Atirador Explorador no Exército Americano e correspondência aos requisitos(Continuação)

Módulos	Principais conceitos abordados	Requisitos
Módulo Q	Relatórios para o Escalão Superior Fazer operações de detenção num ponto de captura Atuar em TO em constante mudança Cada soldado é um sensor Movimento em operações Reconhecer veículos e meios inimigos	Desembaraço Tático
Módulo R	Manter a pasta de documentos de veículos Operar as transmissões na viatura Evacuação de elementos de dentro de uma viatura Extinguir um incêndio na viatura Conduzir a viatura, com e sem equipamento de visão noturna Executar as verificações à viatura Arrumar munições e equipamento na viatura Municiar e desmuniciar equipamento Operar o TOW	Proficiência Técnica
Módulo S	Avaliação	

Fonte: Adaptado de (USArmy, 2012)

APÊNDICE I – PRINCIPAIS CONCEITOS ABORDADOS NA FORMAÇÃO DO ATIRADOR EXPLORADOR NO EXÉRCITO ESPANHOL

Tabela n.º 17 – Principais Conceitos abordados em cada Módulo na Formação de Especialidade do Atirador Explorador no Exército Espanhol e correspondência aos requisitos

Módulos	Principais conceitos abordados	Requisitos
Viatura	Medidas de segurança	Proficiência Técnica
	Conhecimento básico da viatura	
	Embarcar e desembarcar	
	Compartimentos da Viatura	
Transmissões	Operar meios de transmissão do Pelotão	Proficiência Técnica
Socorrismo	Retirar um ferido do veículo	Proficiência Técnica
	Controlar hemorragias	
	Extrair uma bala em combate	
Técnica de secção	Estabelecer um posto de observação	Desembarço Tático
	Responsabilidades do Atirador Explorador	
	Garantir a observação	
	Identificação de Meios	
	Reagir a uma emboscada	
	Conduzir operações de reconhecimento	
	Aquisição e designação de objetivos	
	Reconhecimento de uma ponte	
	Reconhecimento a vau	
	Reconhecer um obstáculo	
	Reconhecer zonas arborizadas	
	Localizar minas	
	Reconhecimento de IED	
	Movimento em zonas urbanizadas	
Armamento e Tiro	Operar o armamento do Pelotão	Proficiência Técnica
	Tiro	

Fonte: Adaptado de (Ejército de Tierra, 2018)

APÊNDICE J – GUIÃO DE ENTREVISTA



ACADEMIA MILITAR

Sou a Aspirante Aluno Inês Rafaela Fernandes Pereira e no âmbito do Tirocínio para Oficial de Cavalaria estou a desenvolver um Trabalho de Investigação Aplicada que pretende estudar a “Formação do Atirador Explorador no século XXI: Adaptação à complexidade do Campo de Batalha”. Considero que o trabalho é de grande importância para a formação dos Atiradores Exploradores, sendo um grande contributo para o Exército e para a Arma de Cavalaria. O seu conhecimento na função que desempenha e experiência são importantes para o desenvolvimento do trabalho em questão. Agradeço desde já a sua disponibilidade e amabilidade para a resposta ao presente questionário.

- 1- Qual é a sua função?**
- 2- De que modo é feita na atualidade a formação do Atirador Explorador?**
- 3- Tendo em conta o módulo de Técnica de Especialidade da formação do Atirador Explorador, quais são as principais competências lecionadas no mesmo?**
- 4- De acordo com as TTP's do Pelotão de Reconhecimento quais são as principais funções do Atirador Explorador?**
- 5- Considera que os Atiradores Exploradores, em caso de necessidade garantem a rotatividade de funções, dentro do Pelotão de forma eficaz?**
- 6- Tendo em conta a exigência do Reconhecimento atual em dois ambientes principais, terra e ar como considera que podemos preparar os nossos militares para atuar num ambiente de tamanha complexidade?**

- 7- Considera que é uma mais valia a construção de um Referencial de Curso para o Atirador Explorador? Porquê?**
- 8- Tendo em conta que, cada Brigada tem uma Unidade de Reconhecimento, Pesado, Médio e Ligeiro considera que seria vantajoso e possível o Referencial de Curso ser comum às três Brigadas?**
- 9- Quais são na sua opinião, as competências essenciais que devem ser incorporadas nesse Referencial de Curso?**

APÊNDICE K – ANÁLISE DE ENTREVISTAS

Tendo em conta que a análise das entrevistas é muito relevante para o trabalho. O presente Apêndice constitui-se como imprescindível essencialmente, para o desenvolvimento do Capítulo 3 e 4.

Questão 2 - De que modo é feita na atualidade a formação do Atirador Explorador?

Os entrevistados concordam que o ingresso de um numero reduzido de praças da especialidade de 01-Campanha dificulta a formação do Atirador Explorador, uma vez que a unidade tem de esperar por um número substancial de praças para iniciar a formação do Atirador Explorador segundo os planos de estudos estudados no capítulo 4. É ainda referido nas respostas às entrevistas em primeiro, que a pouca formação que existe “é desfasada de realidade” uma vez que noutros países a formação dos militares de reconhecimento é de pelo menos quatro meses e em segundo porque “levamos a cabo uma formação que assenta no principio *on job training*, que só é possível se efetivamente se treinar”, com o défice praças do Exército e empenhamento das unidades a formação é difícil de concretizar uma vez que não resta muito tempo disponível para por em prática o tipo de formação de praças que utilizamos.

Os presentes entrevistados consideram importante que não se continue a aproximar o Atirador Explorador do Atirador de Infantaria uma vez que “as tarefas a realizar por um homem do reconhecimento (...) são tremendamente diferentes”.

Além disso alguns dos oficiais entrevistados sugerem a criação de um curso de Reconhecimento, não exclusivo aos Atiradores Exploradores, mas a todos os praças que integram os Pelotões de Reconhecimento, incluindo condutores e apontadores.

Pergunta 3 - Tendo em conta o módulo de Técnica de Especialidade da formação do Atirador Explorador, quais são as principais competências lecionadas no mesmo?

As principais competências enunciadas pelos entrevistados que são essenciais abordar no que concerne à técnica de especialidade começa pelas operações de reconhecimento (montado ou apeado), e de segurança (montado e apeado), incluindo todas as tarefas essenciais a essas operações, sendo elas:

Todo o Atirador Explorador deve conhecer a composição da sua secção; Aplicar as diferentes técnicas de movimento adaptadas ao terreno e inimigo; Reconhecimento de ponte; Reconhecimento de área; Reconhecimento de itinerário; Reconhecer um obstáculo; Reconhecer um declive; Reconhecer uma povoação; Entrar e sair de uma zona de reunião; Ocupar e retirar de uma posição de combate; Reconhecer uma área contaminada (NBQR); Abertura expedita de brechas em obstáculos; Progredir em áreas edificadas; Executar uma passagem de linha; Execução de rendição de unidades; Executar as ações ao contacto; Executar um ataque a um objetivo;

Questão 4 - De acordo Com as TTP's do Pelotão de Reconhecimento quais são as principais funções do Atirador Explorador?

Em unanimidade os diferentes entrevistados consideram que o Atirador Explorador é a base de todos os Pelotões de Reconhecimento, uma vez que é este militar que “anda com as botas no chão”, e consegue garantir o cumprimento das missões atribuídas ao Pelotão, antes disso ao Esquadrão, sendo essas missões diretamente influenciadoras do planeamento e execução da operação da Brigada. É importante que o Atirador Explorador tenha linhas orientadoras que são comuns para todos os Pelotões de Reconhecimento apesar da especificidade de cada Pelotão as principais linhas comuns enunciadas foram:

“Nas operações de reconhecimento, são responsáveis pelas tarefas críticas de medições, segurança local, reconhecimento de ponte, passagem inferiores, busca de IED's e/ou outros dispositivos explosivos como minas e armadilhas. Nas operações de segurança, garantem a operação dos PO/PE, patrulhamentos entre os mesmos. Constituem-se como o elemento apeado móvel do Pelotão, garantindo a possibilidade para uma operação reconhecimento ou segurança de carácter mais furtivo.”; Progressão no terreno (apeado/montado); Executar combate em áreas urbanas; Montar e operar poste de observação/escuta; Conhecer o emprego tático do armamento do Pelotão bem como o seu funcionamento; Certifica-se que o seu equipamento e armamento individual está operacional; Operar os meios de transmissões da viatura; Ler uma carta de tiro; Executar um pedido inicial de tiro.

Um dos entrevistados utilizada a nomenclatura anteriormente abordada ao longo do trabalho, nomeadamente a proficiência técnica, o entrevistado refere a capacidade de operar e manter o armamento coletivo e individual, bem como um domínio técnico dos equipamentos de cada Pelotão.

Questão 5 - Considera que os Atiradores Exploradores, em caso de necessidade garantem a rotatividade de funções, dentro do Pelotão de forma eficaz?

De forma unânime todos os entrevistados concordaram que é sempre preferível que os militares mantenham as suas funções dentro do Pelotão, contudo um curso comum a todos os militares de reconhecimento iria possibilitar a que eles mantendo a mesma função tivessem conhecimento das tarefas e funções de todos os elementos do Pelotão de Reconhecimento. Segundo os oficiais entrevistados é evidente que existem cargos nos quais não pode haver rotatividade, como condutores, o no caso da apontador e municionador do míssil TOW no ERec da Brigada Mecanizada, e Apontadores das Metralhadoras, uma vez que apesar de ser uma função que exige um elevado conhecimento técnico, que todos os militares do Pelotão deviam ter, exige um desembaraço tático que permita tirar o maior rendimento da arma. Contudo, todos os entrevistados concordam que os militares anteriormente enunciados devem ter os conhecimentos que lhes permitam ocupar a função do Atirador Explorador.

Questão 6 -Tendo em conta a exigência do Reconhecimento atual em dois ambientes principais, terra e ar como considera que podemos preparar os nossos militares para atuar num ambiente de tamanha complexidade?

É unânime, uma vez que é um facto, que o Exército Português não possui os meios “mais evoluídos tecnologicamente”, mas isso não pode ser um entrave a boa formação, sendo importante que os comandantes possam dar “ferramentas básicas” ao Atirador Explorador de modo a “quando bem equipado consiga tirar partido do material e ter um pensamento critico em relação ao que vê.”, para isso são sugeridas pelos entrevistados diversas opções, de entre elas, “instruções em sala, temas de decisão tácitos, simuladores”. Na resposta a esta questão todas os entrevistados referiram a necessidade e importância que na atualidade tem os UAS para a formação do Atirador Explorador, contudo isso deve-se fazer acompanhar de conhecimentos sobre “sistemas de deteção ou eliminação de UAV’s/Drones”. Outro dos aspetos referido como essencial para garantir a adaptação do Atirador Explorador às necessidades dos TO atuais foi “treinar os nossos militares quer no âmbito do combate em áreas edificadas e no campo, com o apoio das viaturas e sem elas”

Questão 7 - Considera que é uma mais valia a construção de um Referencial de Curso para o Atirador Explorador? Porquê?

A resposta a esta pergunta, foi de enorme concordância entre os entrevistados sendo caracterizado como “fundamental”, “traria um sentimento de profissionalismo e pertença aos novos Atiradores Exploradores”, “uma mais valia” e “essencial”. Isto porque os entrevistados concordam que há a necessidade de criar um documento comum às Unidades de Reconhecimento sendo o momento de atualizar “todo o conjunto de formações que existiam no passado”, os entrevistados consideram que “seria um documento, de certeza mais completo e fundamentado que os cursos e planos ministrados nas várias unidades”.

Questão 8 - Tendo em conta que, cada Brigada tem uma Unidade de Reconhecimento, Pesado, Médio e Ligeiro considera que seria vantajoso e possível o Referencial de Curso ser comum às três Brigadas?

A maioria dos oficiais concordou que devia haver um Referencial de Curso comum às três Brigadas, uma vez que existem matérias transversais a todas as Unidades de Reconhecimento, e após isso seriam dadas as instruções específicas adaptadas a cada unidade uma vez que desse modo havia a possibilidade de que “cada Esquadrão lecionasse os conteúdos específicos de acordo com a sua doutrina/equipamentos específicos de cada unidade.”. Surgiu ainda uma outra opinião de um oficial que sugeriu a criação do Referencial de Curso comum a todas as Brigadas, e após isso as adaptações às diferentes Unidades de Cavalaria eram suprimidas no modo de *on job training*. Foram apontadas diferentes vantagens para a criação de um Referencial de Curso para o Atirador Explorador, que fosse comum a todas as Brigadas, em primeira instância a atualização uniforme das unidades da doutrina de todas as Unidades de Reconhecimento, criando um certo equilíbrio de conhecimento, havendo assim um nivelamento. Depois porque permitia a uma praça trabalhar com elementos de outras Unidades de Reconhecimento, havendo sempre uma elevada facilidade de adaptação, uma vez que a sua formação segundo o Referencial de Curso, equilibra os seus conhecimentos.

Questão 9 - Quais são na sua opinião, as competências essenciais que devem ser incorporadas nesse Referencial de Curso?

Inicialmente na resposta a esta questão foram referidas pelos entrevistados os módulos de “armamento, topografia, transmissões, viatura com que opera e a técnica de secção”, sendo estes os módulos na sua generalidade os atualmente lecionados nos planos de estudos, considero que a resposta a esta questão tem importância nos seguintes módulos sugeridos: “Informação e Contra Informação, Sobrevivência, Saúde, Educação Física Militar” bem como um módulo em que sejam abordadas diversos conceitos doutrinários, como os “Princípios do Reconhecimento, Tipos de Reconhecimento, Métodos de Reconhecimento, distinguir Operações de Reconhecimento de Operações de Segurança, compreender o ponto de vista operacional de forma a contribuir para o melhor cumprimento da missão e coadjuvar os seus superiores no cumprimento da mesma.”.

Por um dos entrevistados foi referida uma elevada importância em integrar na formação do Atirador Explorador, módulos que lhe permitam ter os conhecimentos sobre IED, designação de objetivos e pedidos de fogo indiretos.

**APÊNDICE L – PROTOCOLO DE CONSENTIMENTO
INFORMADO**



ACADEMIA MILITAR

PROTOCOLO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Declaro que tomei conhecimento que a Aspirante Aluno de Cavalaria Inês Rafaela Fernandes Pereira se encontra a realizar o seu Trabalho de Investigação Aplicada, que levará à conclusão do ciclo de estudos do Mestrado Integrado em Ciências Militares na especialidade de Cavalaria, intitulado “Formação do Atirador Explorador no século XXI: Adaptação à complexidade do Campo de Batalha”. Este trabalho tem a Orientação do Coronel de Cavalaria José Miguel Moreira Freire.

Tomei conhecimento que a entrevista será realizada por escrito e analisada pela Aspirante Aluno Inês Rafaela Fernandes Pereira. Tomei conhecimento que não usufruirei de nenhuma compensação pela participação na entrevista, apesar da minha participação ser essencial para a investigação. No final do estudo poderei obter o Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação através do Repositório Comum da Biblioteca da Academia Militar, ou pela solicitação ao autor do mesmo.

Declaro que aceito participar na investigação através da resposta à entrevista.

Assinatura do Entrevistado: _____

Data: ____/____/____

Agradeço a participação na investigação

Inês Pereira

Asp Cav